

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**FELIPE VARGAS DA SILVA**

**docência em travessias: quem formação docente pensa que é?**

**JUIZ DE FORA  
2018**

**FELIPE VARGAS DA SILVA**

**docência em travessias: quem formação docente pensa que é?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de Linguagens, Conhecimento e Formação de professores .

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo

**Juiz de Fora**

**2018**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Felipe Vargas da.

docência em travessias: quem formação docente pensa que é? / Felipe Vargas da Silva. -- 2018.  
88 f.


Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018.

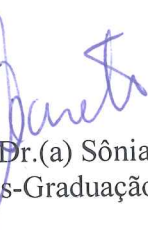
1. Formação. 2. Processos de Subjetividade. 3. Filosofia da diferença. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento, orient. II. Título.

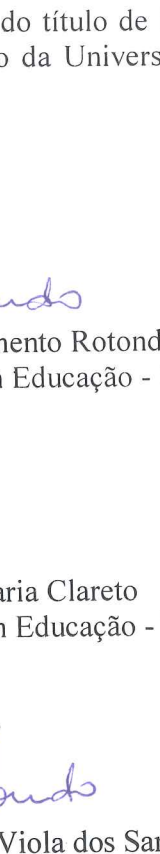
FELIPE VARGAS DA SILVA

**docência em travessias: quem formação docente pensa que é?**

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre(a) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:

  
Prof.(a) Dr.(a) Margareth Aparecida Sacramento Rotondo - Orientador(a)  
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFJF

  
Prof.(a) Dr.(a) Sônia Maria Clareto  
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFJF

  
Prof.(a) Dr.(a) João Ricardo Viola dos Santos  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Juiz de Fora, 17 de dezembro de 2018.

## RESUMO

Como alguém se torna docente? Um pesquisador trama com jogos de forças. Junto a uma sala de aula de formação de professores, uma formação acontece. Uma formação atenta aos processos de subjetividade que vão engendrando modos de ser docente. Um pesquisador em educação atento aos movimentos que uma sala de aula carrega. Em contiguidade com as filosofias da diferença, um pesquisador em educação mergulha nos porões da formação e investiga, torce e esgarça procedimentos institucionais que movimentam uma sociedade e vão produzindo modos de resistência. Num exercício de produzir-se, um pesquisador em educação se lança aos desafios de afirmar vida potente em meio aos jogos de força que estão instaurados e querem se instituir. Um pesquisador em educação baila com forças e encontra seus limites, suas fugas, suas barreiras, suas fronteiras suas múltiplas entradas e saídas, afirmando modos de vidas potentes. Quem formação docente pensa que é? Uma formação sem sujeito, uma formação sem identidade, uma formação sem centro, uma formação sem norte. Quem formação docente pensa que é?

Palavras-chave: Formação. Processos de subjetividade. Filosofia da diferença

## **ABSTRACT**

How someone becomes a teacher? A research interacts with a game of strength. In a teacher formation class, the formation happens. A formation that is focused on a subjective process, which merges different ways of being a teacher. A research in education that pays attention to the movements that happens in the classroom. Together with the Philosophies of Difference, the research in education goes deeper in the process of formation, investigating, turning and ripping the educational process that moves the society and produces ways of resistance. In an exercise of producing yourself, a research in education focus on the challenges of declaring powerful life among games of strengths that are established and that are eager to be institute. A research in education dances with forces and reach its limits, its escapes, its barriers, its borders, its multiple entrances and its exists, affirming ways of powerful lives. Who teacher formation thinks it is? A formation without subject, a formation without identity, a formation without center, a formation without direction. Who teacher formation thinks it is?

Key-words: Formation, Subjective process, Philosophy of Difference

## SUMÁRIO

<b>Formações: Nascedouros .....</b>	<b>7</b>
<b>Prelúdio .....</b>	<b>8</b>
<b>Um corpo que nasce a cada encontro .....</b>	<b>11</b>
<b>alocse: muitos lugares .....</b>	<b>13</b>
<b>Mortes e nascimentos .....</b>	<b>18</b>
<b>Na sala .....</b>	<b>24</b>
<b>No corpo .....</b>	<b>26</b>
<b>Interlúdio.....</b>	<b>28</b>
<b>Formações: nascer pelo meio .....</b>	<b>31</b>
<b>Encontros e despedidas.....</b>	<b>32</b>
<b>Despedidas e encontros .....</b>	<b>38</b>
<b>Interlúdio.....</b>	<b>43</b>
<b>Formações: Torna-te quem tu és .....</b>	<b>45</b>
<b>pesquisar.....</b>	<b>46</b>
<b>Oficinar: formação em experimentação .....</b>	<b>50</b>
<b>Oficinar formação: fazer ferreiro.....</b>	<b>53</b>
<b>menoramentos.....</b>	<b>55</b>
<b>sujando as mãos.....</b>	<b>57</b>
<b>Interlúdio.....</b>	<b>60</b>
<b>Formações: invenção de alocse e sala de aula e mundo.....</b>	<b>61</b>
<b>Como seria um mundo sem matemática .....</b>	<b>65</b>
<b>Dividir. Um verbo des-construindo formação .....</b>	<b>68</b>
<b>Formação com números.....</b>	<b>70</b>
<b>Formação docente: um roubo .....</b>	<b>73</b>
<b>Professor: um estrangeiro de si.....</b>	<b>76</b>

<b>Saladeaulapaisagemmovente.....</b>	<b>78</b>
<b>Minhocar formação docente.....</b>	<b>81</b>
<b>Saladeaulaestilete .....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>86</b>



## **Formações: Nascimentos**

## Prelúdio

Como alguém se torna docente? Uma questão faz com que uma formação em processo se lance em pesquisa. Como nasce uma pesquisa? Questões contíguas se colocam lado a lado em uma travessia.

Como alguém se torna docente? Uma questão instaura problema<sup>1</sup> em um processo de produção de pensamento e produz, em uma formação, um desejo<sup>2</sup>. Algo que não se mensura ou sequer tende a preencher qualquer coisa. Um desejo guia uma formação ao encontro com pesquisar. Uma pesquisa vem como um processo de produção que tem seu começo numa graduação em Pedagogia. No encontro com uma graduação, um pedagogo em formação descobre o nome do modelo cognitivo com destaque na academia, o modelo representativo<sup>3</sup>. **Alguém diz: O pensamento é algo espontâneo que se captura com concentração e estudo.**

A constituição desse modo de pensamento funciona como um sustentáculo para um movimento de EDUCAÇÃO, que, junto a uma política cognitiva representativa, busca levar a produção de uma captura do pensamento. Esse movimento pretende

---

<sup>1</sup>“Enquanto o teorema é da ordem das razões, o problema é afectivo e inseparável das metamorfoses, gerações e criações na própria ciência. Contrariamente ao que diz Gabriel Marcel, o problema não é um ‘obstáculo’, é a ultrapassagem do obstáculo, uma projeção, isto é, uma máquina de guerra. É todo esse movimento que a ciência regia se esforça por limitar, quando reduz ao máximo a parte do ‘elemento-problema’, e o subordina ao ‘elemento-teorema’.” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 20)

<sup>2</sup> O sentido da palavra desejo citada aqui não está relacionado com uma vontade de um sujeito que deseja algo, mas sim como um motor coletivo, uma mola propulsora em agenciamento que incita movimentos em um pesquisar. “Não é complicado. Nossa questão era: qual é a natureza das relações entre elementos para que haja desejo, para que eles se tornem desejáveis? Quero dizer, não desejo uma mulher, tenho vergonha de dizer uma coisa dessas. Proust disse, e é bonito em Proust: não desejo uma mulher, desejo também uma paisagem envolta nessa mulher, paisagem que posso não conhecer, que pressinto e enquanto não tiver desenrolado a paisagem que a envolve, não ficarei contente, ou seja, meu desejo não terminará, ficará insatisfeito.” (DELEUZE, 1989, p. 18)

<sup>3</sup> “Em suas análises, Deleuze nos mostra de que modo o pensamento representacional tece estreitos vínculos com o senso comum – caracterizado por seu comprometimento com a busca do Mesmo, das verdades universais e atemporais – bem como com seu correlato, a reconhecimento. [...] o filósofo aponta como o senso comum seria o responsável não só por construir uma imagem do pensamento na qual este se apresenta como naturalmente propenso ao conhecimento, mas também por conferir uma natureza *a priori* às coisas, atribuindo-lhes uma essência, ou seja, o senso comum se encarregaria de construir uma representação universal, imutável, do que seriam o pensamento e as coisas [...]” (MAGUEIRA, BONFIM, 2014, p. 621)

transformar processos em metas<sup>4</sup>. Tenta capturar todas as forças e prendê-las em formas desejáveis.

Junto a esse processo de constituição de pensamento, o aspirante a docente que se lança ao curso de Pedagogia vai se constituindo em movimentos de produção de saber que engendram uma inquietação. O que alguns professores do curso dão como certezas profundas, os modos de pensar representativos que se instauram, já não mais produzem sentido e aquele aspirante a docente sente que a questão da produção de conhecimento não é tão óbvia. O que outrora se fazia duvidoso ganha intensidade numa disciplina da graduação. O aspirante a docente é convidado a jogar de outra forma. Uma questão lançada, logo na primeira aula, acentua as inquietações: como seria um mundo sem matemática?<sup>5</sup> Em um primeiro momento, aquela questão se faz muito simples de responder, pois ele possui muitos saberes sobre o mundo. “Ora, um mundo sem matemática é uma folha em branco, por fim, o que poderia existir sem a matemática?” Quando a professora instaura problema na questão da produção de conhecimento, o aspirante a docente também entra em questão. A possibilidade de se discutir um mundo representativo e pronto ou um mundo inventivo a ser criado faz com que aquele aspirante pense: como alguém se torna docente?

Essa aula é um convite a um inquietar: pensar uma questão cognitiva para além daquilo que vem se materializando na graduação. A questão que surge: “como alguém se torna docente?” dá um novo sabor àquela formação em travessia. Essa pergunta é como uma rachadura em um muro. Muro esse que já possui toda uma estrutura marcada por um processo de produção de pensamento que convida sempre os corpos a um saber universal, como se ele já estivesse ali, encoberto pelas camadas históricas, só esperando que alguém lhe retirasse todo o sedimento que os movimentos de produção de um tempo cuidaram de esconder.

---

<sup>4</sup> “Trata-se de uma teleologia que parece nos impulsionar a indagar ‘o que é determinado saber disciplinar?’, ou ainda, ‘o que devo saber de determinado saber disciplinar?’, em detrimento de questões como: ‘de que modo estou me afetando por esse suposto saber?’, ‘de que modo, aqui e agora, minha vida tem a ver com isso que considero uma pesquisa com o saber?’” (MONTEIRO, 2017, p. 5)

<sup>5</sup> Atividade realizada pela professora Margareth Ap. Sacramento Rotondo na disciplina de Fundamentos teóricos e metodológicos do Ensino de Matemática do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora. Ver mais em Claretto e Rotondo (2014).

Uma forma outra de produzir pensamento se instaura e convida um futuro pedagogo a se aventurar em uma travessia. Findado o tempo da graduação, o pedagogo lança-se a uma pesquisa no curso de Mestrado em Educação pelo PPGE/UFJF. Quando nasce uma pesquisa? Pesquisar vai se constituindo com desejo, entre modos políticos, de compor com cognições e vai tramando com agulha e linha um movimento de furar *espaço tempo*<sup>6</sup> e tramar redes.

---

<sup>6</sup>“[...] tempo e espaço parecem ser únicos e, ao mesmo tempo, complexos. São únicos no sentido de não se poder separá-los, de não podermos tratá-los na sociedade como fenômenos díspares, e são complexos por terem nas sociedades diferentes interpretações[...].” (SILVA, 2001, p.18).

## Um corpo que nasce a cada encontro

*Corpo: Lugar de passagens e nascedouros.*

Garvasil: corpo sem rosto produzido com forças<sup>7</sup> e querereres. Gosta (?) de gostar de tudo um pouco. Deixa (?) as forças se apoderarem, um lugar de officinar. Vai deixando (?) as coisas acontecerem. Possui (?) também a estranha mania de se estranhar com tudo. Nada parece estar bom. Só há um entrave: não sabe (?) o que procura, se perde no procurar. Esse modo de vida evoca algumas erupções e acaba por jogá-lo em ilhas. Territórios onde faz (?) questão de não saber o que fazer e também de fazer o que quer. Garvasil não tem lado. Gosta (?) de fazer amigos. Gosta (?) também de escavar. Quer (?) aprender a fazer ferramentas. Aprender é (?) com ele mesmo. Não sabe de onde veio e nem pra onde vai. Fica sempre no meio. Um transeunte. Busca (?) em cada canto e em cada corrimão e em cada escorregão e em cada coisa: inebriar-se.

Tem (?) andando repetidas vezes por um mesmo lugar que nunca parece o mesmo. As salas são sempre outras. As conversas fazem-se em outros modos. Tudo engendra um não saber! **Ele não sabe de nada. Hahaha.** Acredita (?) que o acontece com ele é um fato muito curioso. Não se apega a nada. Cada vez que ele entra (?) num lugar, algo novo acontece. As pessoas andam dizendo que isso é coisa de gente desocupada. Coisa de quem tem tempo de sobra pra poder se inebriar (?) com um café na cantina e com uma aula sobre uma figura conceitual considerada importante. Já recomendaram que ele procurasse (?) um médico para poder se curar dessa mania de estranhamento. Parece que ele gosta (?) disso. Gosta (?) de um problema. **As instituições não param de o assombrar.**

Garvasil: Figura itinerante, dança pelos corredores e anda entre as palavras. Pelo fato de não saber aonde vai nem tão pouco de onde veio, acredita-se que ele não cria raízes. Suas conexões embaralham-se em muitos lugares. Cabeça ao vento e mãos de marceneiro! Talha suas relações como um artesão. Cuida dos encontros como se fossem seu maior tesouro. Não possui mochilas, nem nada. Não tem caderno. Tudo o que ele faz é registrado na pele. Deve ser por isso que possui muitas tatuagens pelo corpo.

---

<sup>7</sup> “A questão *quem?* não reclama pessoas, mas forças e querereres.” (DELEUZE, 1997, p. 114)

Quando menos se espera, aparece outro desenho em seu corpo. Vaga pelas salas com muitos nomes nas costas.

Todas essas coisas fazem parecer que Garvasil nasce muitas vezes. Sempre em trabalhos de partos diferentes: novos movimentos do viver. Junto aos nascedouros, vem sempre uma canção. Garvasil estica-se aos montes. Outro dia, deixou um pedaço de pele em cima da cadeira. Ninguém conseguiu remover aquele rastro. Era uma batalha só. Veio gente de todo lado para poder tirar a pele, mas ela não saiu. **Quem fez essa porcaria aqui?** Deve ser essa coisa dele nascer a todo o momento. Troca de pele igual à serpente. E o pior é que não se cansa.

Garvasil desrespeita sinais e quebra regras. Nunca sai ileso! Cada movimento, um nascimento. Cada nascimento, um advento. Cada advento, um alento. Cada alento, um tormento. Cada tormento, um acolhimento. Cada acolhimento, um... um... um... um... um... Um ritmo e uma batida que se lançam em travessias e desafiam as leis de uma gravidade sem agravo, que ao encontrar com morte e vida, pergunta-se: **nasci novamente?** Não planta árvores! Colhe apenas migalhas e restos que ficam pelo caminho. Não precisa de muito! Os restos lhe convêm. Apraz-lhe a escuridão. Já é noite.

## alocse: muitos lugares

alocse muitos lugares.

alocse lugares muitos.

alocse muitos lugares.

De novo? O mesmo?

alocse muitos lugares.

Repetiu?

alocse muitos lugares.

Diferiu?

Dizer a mesma coisa sempre é dizer a mesma coisa? Dizer coisas diferentes é dizer coisas diferentes?

alocse muitos lugares já se faz diferente.

alocse muitos lugares. De novo?

alocse: substantivo próprio que nomeia possíveis lugares que engendram vida.

muitos: por toda parte inventam passagens que se ligam umas as outras. Não há caminho certo ou sequência correta<sup>8</sup>. Todos inventados. Crescer grama<sup>9</sup> pelo meio. n-1<sup>10</sup>.

lugares: tocas e patoás<sup>11</sup> e formigueiros e mar e bar e sala de aula e cinema e cantina e corredor e sala de estar e e e...

---

<sup>8</sup>Para compor a ideia de *muitos* utilizo o conceito rizoma de Deleuze e Guattari (2014, p.30) que afirmam o seguinte: “Ele [rizoma] pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]”

<sup>9</sup>“As *multiplicidades planas a n dimensões* são a-significantes e a-subjetivas. Elas são designadas por artigos indefinidos, ou antes partitivos *c'estduchiendent, durhizome* é grama, é rizoma.” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p.23)

<sup>10</sup>O modo n-1 é tomado em Deleuze e Guattari (2014, p.21), “subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1.”

<sup>11</sup>“Escrever como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, encontrar seus próprios pontos de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto.” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 28-29)

alocse tem sede própria? alocse tem sede própria! Lugares possuem marcação fixa e invariável? Lugares possuem... Lugares não possuem...

- *Bom dia! Pode me dizer onde fica alocse?*

- *Hum! Não!*

- *É possível encontrar?*

- *Está sempre à espreita.*

alocse: substantivo próprio que nomeia possíveis lugares que engendram vida.

Fazer uma experiência de verbar alocse. Torcer o verbo. Fazer dele outra coisa. Exercício de criança que faz o verbo colorir ser ouvido<sup>12</sup>. Delírios: desviar das percepções produzindo sentidos outros, sempre em processos no agora e no instante<sup>13</sup>. Ser derrubado pelos perceptos que o movimento de verbar convida. **Substantivo trama com estrias. Verbar trama com alisamentos. Tornar substantivo liso engendra movimento na substância. Alisamentos convidam ao chão.**

- *Aonde eu vou parar?*

- *Não faço idéia!*

Ocupar território da melhor maneira que vier. Inventar com/ nele, modos em vida.

- *Cavarei minha toca nesse lugar aqui.*

- *Mas aí é lugar de outra coisa.*

- *Desculpe, esse modo de vida me convida a cavar aqui. Evitar, não dá!*

---

<sup>12</sup>Trecho inspirado no poema de Manuel de Barros. Esse movimento proposto pelo poeta faz vibrar outros modos de produção do conhecimento. O processo inventivo que a criança produz no poema nos alimenta e nos faz produzir outras terras em territórios já instaurados. Enxergar a cor é torcer o significado instaurado num jogo de forças e dogmatizado em um senso comum. Torcer esse movimento diz de produções de que insignam formas outras de produzir vida. [...] O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então, se a criança muda a função de um verbo, ele delira. [...] (BARROS, 2015, p. 129)

<sup>13</sup>“Pesquisar sem conjugação posto que sem sujeito, sem um eu que pesquisa e sem eus a serem pesquisados. Pesquisar junto às forças e aos querereres. Sem tempo verbal: constituindo-se na imanência, sem passado ou futuro. No agora do instante. [...]Habitare o instante. O presente, o aqui e o agora. Ficar com os acontecimentos e fazer implodir modos instaurados e dados como prontos e acabados.” (CLARETO, ROTONDO, 2015, p. 676)



Esse negócio de verbar é bem complicado. **Não é algo que se explique.** Aconteceu?  
**Não sei! Acontecimento.**

alocse muitos lugares verbados, faz-se com tempo, tempo outro. **Alguém disse que no passado as coisas ficam e devem ser esquecidas para garantir um futuro melhor. Será?**

*Desse jeito não dá. Eu parei de assistir a novela, novela tem que ensinar, não tem!? Se eles têm que ensinar, não podem demorar tanto a mostrar o desfecho, têm que dizer logo a que vieram.*

- *Novela é pra ensinar? Quem disse isso?*

alocse: lugar de aprender sem hora de chegada ou de saída.

Fazer: movimentos de des-fazer e re-fazer. Crescer pelo meio.

**Alguém disse: as coisas têm de ter um propósito, não dá pra ser desordenado. A novela tem que ensinar que não pode bater e isso não se discute!**

**Não se discute? Quem disse?**

alocse tornou-se novela e tornou-se Educação. Na tela colorida, um homem bate em uma mulher.

- *Está vendo? Não pode! O tempo tem que ser rápido para o passado poder ficar lá longe e o futuro chegar melhor.*

Novela substantivada e capturada se torna Educação. Homem bateu em mulher?

alocse muitos lugares. Repetiu de novo.

*Novela tem que ensinar e dar o exemplo.* O golpe no corpo faz dor. Solicita um fim. O golpe que um homem desferiu contra uma mulher na tela colorida fere também uma outra mulher do lado oposto da tela, faz com que ela solicite um fim. Que fim? Solicita uma solução: Novela educativa! Que educação? Que novela?

Um corpo padece por uma falta. Sentimento de incompletude abafa uma vida.

- Quero que a novela ensine aos homens a não baterem em mulheres!

Quem disse que o ensino garante o aprender? Ensino: substantivo. Aprender: verbo. E se verbar o ensino? ensinar!

Quanto de demora para alocse muitos lugares se fazer? **Já foi!** *Nem vi acontecer.* Tatuou na pele um tempo outro, diferente do tempo do homem que bateu na mulher. Fez não querer mais assistir. Deseja que acabe esse tempo e venha um outro em que não exista mais esse tempo de apanhar.

alocse muitos lugares. Repetiu!

alocse muitos lugares tremeu um sujeito que pensou em solução e vibrou frustração. alocse muitos lugares tremeu a tela e disse que novela não pode mostrar homem batendo em mulher. Repetiu! Mesma coisa?

**Alguém disse que tem que denunciar. Novela não pode mostrar isso. Tem que mostrar que, quando apanha, tem que denunciar.**

Chega de *ter que*. Novela não tem que ensinar nada! Novela queria uma coisa e se transformou em outra. Novela afeta um sujeito que afeta outro e outro: fugiu ao controle. Alocse muitos lugares inventa outra trama. Afeta, não para ser amiga do saber, ou para ensinar aos homens a não baterem nas mulheres. Afeta, por não controlar o aprender. Novela sendo inimiga dos homens e das mulheres, envergonhando homens e mulheres por tamanho corte de fluxo.

- *É assim que se faz.* Denúncia! Novela não quis mostrar nada, apenas aconteceu. **Envergonhar os homens.** Ficou um hematoma no corpo de quem apanhou e de quem assistiu.

- *Não quero mais* – disse o mesmo. O que se quer quando se quer que acabe? **Envergonhar.**

Em alocse muitos lugares coisas acontecem e tremem e reverberam e racham e algumas coisas continuam as mesmas. Repetiu! Agora foi alocse outra que já verbou aprendizagem. Passou na máquina e triturou. **alisamentos.** Fez em pedaços alocse e aquele lugar formou outro com novela de homem que bateu na mulher e não denunciou.

- *Isso acontece todos os dias. Homens batendo em mulheres.* Novela não ensina a não bater. **Se vire pra lá, invente sua toca.** Novela aconteceu. Novela move afectos e

perceptos num jogo que corrói um entre relações instituídas por movimentos de forças hegemônicas. Um alisamento torna tudo escorregadio. Não há lugar pra se sentar. Chão escorregadio convida.

Sofá se transforma em carteira. Televisão em quadro negro. Novela se transforma em conteúdo. alocse se faz em/com muitos lugares. Sujeito se senta com a família para ver novela se torna aluno e entra num jogo de afecções que engendra linguagens e solicita movimentos. Fazer a si com novela e televisão e fazer a si com quadro e carteira e fazer em si em tempos com múltiplos e possíveis. alocse se faz com Tv, com novela, com acontecimentos, com sujeitos. alocse feita com tudo isso. De que formação falamos?

alocse muitos lugares

já disseram isso

insisto

alocse: substantivo próprio que nomeia possíveis lugares que engendram vida.

muitos: por toda parte inventam passagens que se ligam umas as outras. Não há caminho certo ou sequência correta. Todos inventados. Crescer grama pelo meio. n-1.

lugares: tocas e patoás e formigueiros e mar e bar e sala de aula e cinema e cantina e corredor e sala de estar e ee...

alocse insiste

alocse insiste

alocse insiste

alocse insiste em fazer vida.

## Mortes e nascimentos

Enquanto a massa da torta de batata doce pega tempo de crescimento, Léinha senta na poltrona preferida para fazer mais alguns trançados. Agulha chega às mãos de Léinha. Não há capricho da agulha, nem domínio das mãos de Léinha, agulha se faz diferente. Mãe de Léinha dizia que quando agulha não quer, nada se faz. Grande bobagem pensa Léinha, o mando é das mãos, agulha não tem querer. Há algo em desacordo, a agulha vai cosendo. Apresenta um brilho intenso, não havia sido limpa. Léinha não anda tendo tempo para estas futilidades. Agulha corre pelo tecido, faz seus traços, seus trajetos. Mãos são levadas e deslizam em alucinação traçando pontos novos, nunca acionados.

Outra coisa que está fora de órbita e não está em seus dias de obedecer é a linha. Está alucinada, não percorre trajetos impostos, inventa-os. Somente o que linha e agulha querem fazer se dá. Linha e agulha não produzem sozinhas, solicitam presença das mãos calejadas e cortadas e gordas e macias de Léinha. Linha e agulha levam mãos de Léinha por pontos, nós, cruzados, invertidos, tranças e outros movimentos. Isso deixa Léinha um tanto brava e encafifada. Entretanto, por ter muita coisa a fazer, não deu importância para o que ocorria. Torta a fazer, novela a ponto de começar, desperdiçar atenção com bobagens, não está nos planos.

Torta no forno, poltrona aconchegada, mãos, linha e agulha engatilhadas, televisão ligada, novela começa. Tudo se movimenta e o dia transcorre. Cheiro da torta invade o corpo e o gosto é sentido. Nem se dá conta de que linha e agulha travam uma guerra sem fim.

*Eu passo primeiro que você, eu vou e abro o caminho, sou eu quem te carrega então você trata modo de me obedecer e me seguir – disse a agulha – Não é questão de precisar de você para me carregar. É que, sem mim, você não passa de uma coisa desgovernada rasgando vento a esmo, perdida feito uma gazela tonta quando encontra seu bando – retrucou a linha – Ah! Então tá bom, me explica como você faz para criar esses nós e ganhar outra forma se não for por minha linda e potente ponta e meu sustentáculo por onde você se prende? Ah? Me diga, vai lá! – resmungou a agulha – E para que você foi inventada senão para ser minha serva? Você apenas abre caminho*

*enquanto eu gozo de expansão e vigor. Você apenas se deixa levar por mim, enquanto minha obra é consolidada!* – respondeu a linha.

Novela chega ao fim e torta de batata doce atinge ponto máximo. Agulha e linha estão de mau humor e brigando, Léinha nem percebe. Deu conta apenas de que o que planeja não é executado pelas mãos. Havia conjecturado um trançado com nós bem apertados, composição que lhe permitiria traçar fios longos para que outros nós pudessem ser fixados e, assim, terminar com traços floreados para dar fim ao intento. Acontece um verdadeiro desastre. Nós existem, não da forma como ela quer. Isso não parece ser mais importante que novela e a torta. Dessa maneira, permite que a coisa vá se dando.

Horas mais tarde, marido chega e encontra Léinha dormindo. Ajeita as coisas sobre uma mesa que fica na sala. Tira os sapatos e desperta-a com um beijo na testa. Acorda feliz, se levanta e vai até a cozinha. Aquece um pouco o forno, pratos saem do armário e posicionam-se na mesa. Talheres escolhidos. Refrigerante fora da geladeira. Copos montados sobre mesa. Mãos vão funcionando melhor com copos e pratos e talheres do que com agulha e linha.– Como está sendo dia hoje? – indaga o marido, cortando o silêncio! Léinha pensa em dizer da discordância do ato de coser. Desiste, prefere dizer da novela. – Menino, a novela hoje pegou fogo! Aquela moça, sabe? Aquela loira da família rica? Então! Assumiu-se homem! Vê se pode? O mundo está de cabeça pra baixo! Marido apenas olha com concordância, com a destra apoiando o queixo, dispara: – Pare de assistir essas coisas! Já te disse que isso não leva a lugar nenhum. – Ah, só tenho isso para distrair! No mais, só serviço de casa. Me deixa!

O marido de Léinha, pessoa muito religiosa, que gosta das coisas corretas, trabalha em um escritório de advocacia. Em sua mesa de trabalho, sempre com muito serviço a fazer, estão as fotos da esposa e dos pais, próximas ao computador. Todos os dias, elas marcam seu dever de marido e filho. Sonha com o dia em que será pai também. Pretende que o filho siga seus passos e se torne advogado. Também próximo ao computador, em lado oposto às fotos da família, estão as fotos de um homem crucificado e a Bíblia Sagrada. Pensa que um homem deve ser bom e justo e, para tal, tem que ser iniciado nos ensinamentos cristãos.

Em um caso que defendeu, ocultou um documento para ganhar a causa. Ninguém sabe disso e faz questão de deixar bem escondido.

Como um bom religioso, aos domingos, ele levanta cedo e vai à missa. Considera esse lugar um recanto, um espaço onde esvazia a cabeça das decisões e das atividades do trabalho.

Como foi o dia, hoje, no serviço? Normal. Na verdade, as coisas têm sido bem paradas por lá. Esse negócio de crise econômica e política tem esvaziado o escritório. Não sei onde vamos parar, esses petralhas estão acabando com nossa sociedade. Por isso, digo pra você parar de assistir essas coisas de televisão. Isso não presta. É tudo pra tirar a atenção. Léinha levanta os olhos, ergue a cabeça para o alto, abre a boca e num gesto de indignação, suspira. **Como pode ser tão chato?** Cheiro da torta cala Léinha. Esquece a resposta que iria dar. Levanta, calça a destra com uma luva, forno aberto, puxa o recipiente com a torta. Aquele cheiro atraente consegue arrancar um sorriso do marido sisudo. **Que cheiro bom! Você cozinha como a mamãe!** Léinha fecha o rosto, a comparação não lhe agrada e, enquanto leva a torta para mesa, dispara: **Até parece que sou como aquela bruxa. Tenho independência, vivo da minha arte de fazer bordado, crochê e tricô, veja se vou depender de marido pra viver?** Marido não gosta da assertiva, mas prefere se calar e saciar a fome. Apetecer-se é mais importante do que defender sua mãe. A torta cala os dois. Ela pensa num pedaço daquela torta em sua boca se desmanchando junto com saliva entre língua e céu da boca. **Como pude fazer algo tão bom?** Pensa. Logo que se pôs à mesa, serviu-se, antes do marido. Isso não era habitual, sempre serve primeiro o companheiro. Torta faz com que modifique a ordem dos acontecimentos rotineiros. Lança-se ao primeiro pedaço. Comem até se empanturrar! Uma violência ao estômago, tanto que o corpo inteiro do marido tem que parar de funcionar para que a digestão seja feita, fato que gera sonolência intensa. Deita-se sem ao menos tirar a roupa do trabalho. Deita e dorme. Léinha vai ajeitar a cozinha; está inquieta, agulha e linha a chamam. Sua preguiça não dá sono ou então Léinha não percebe que o que tira seu sono é o fato de que tem que fazer tricô, mas que agulha e linha não estão ajudando. Deixa a cozinha organizada para ser arrumada pela manhã e vai para poltrona assistir televisão e terminar de laborar seu trabalho manual.

- Será que agora vai funcionar? TV ligada. Atenção segue presa no trabalho manual. O que intriga é que agulha e linha não respondem aos comandos. Depois de algumas tentativas, novamente se entrega ao desejo das duas ferramentas e deixa que elas façam o que querem. Não ficou ruim não, sabia? Deixa a obra terminada de lado e vai assistir TV. Filme serve apenas para dar sono. Olhar para a tela colorida a deixa um tanto entorpecida. Olhos fechados. Sono! Acaba por dormir ali mesmo, na poltrona. Noite se foi!

Manhã convida a um despertar. Relógio marca 5 horas. Sente muitas dores. Barriga parece que irá explodir. Gases? Terá sido a torta de batata doce degustada com tanto fervor na noite passada? Barriga aumentada de tamanho. Que aconteceu durante a noite? Não se lembra de nada novo ou diferente. Apenas comeu torta, tomou refrigerante e ficou em frente à televisão com sua linha e sua agulha, cosendo. Aliás, naquele dia, coseu muito. Bem lá no fundo, se perguntassem por que ela coseu tanto, não saberia explicar. A única coisa de que se lembra é disso, tem certeza, e que não sabe o porquê de coser tanto. Deve ser inspiração, pensa.

Corpo modificado sem que se desse conta. Olha para o lado da poltrona e não vê o trabalho que havia terminado na noite anterior. Agulha e linha também sumiram. *O que aconteceu?* Uma dor muito forte toma conta das entranhas. Está grávida? Como? O que se passa? Como engravida da noite para o dia? Como uma gestação se dá em uma noite? Como assim? Quer gritar, mas a boca não permite. Quer se levantar, mas as pernas não respondem. Nesse momento, o marido chega à sala e percebe que há algo errado com a esposa. Meio atônito e espantado com o que vê, questiona: *O que se passa? Meu Deus, ajude! Imploro!* O marido se coloca de joelhos em frente à esposa e começa a rezar. Quer que tudo aquilo acabe. Mistura o desejo que se finde aquela situação e a oração. *Pai nosso que estás no céu! Com os olhos abertos se espanta com o estado da esposa. Santificado seja o vosso nome, venha nós ao vosso reino.* Um gemido lhe assusta e faz com que ele perca o local onde está na oração, fazendo-o começar novamente. *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome.* Os espasmos da mulher o assustam. O corpo já não é mais seu, os pensamentos já não lhe pertencem, as mãos tremem e, nem a oração, que faz todos os dias pela manhã para agradecer a benção de estar vivo, lhe pertence mais. *O que está*

acontecendo com você, Léinha, o que? Anda, responda! Vamos! Grita desesperado.

Sua mulher começa a se contorcer, dor! Angústia toma seu corpo. Os pensamentos o transtornam e a única coisa que consegue fazer é ir até a cozinha pegar uma faca para abrir a barriga da esposa. Talvez consiga tirar o que está dentro dela! Levanta às pressas, vai até a cozinha. Tropeça e cai. Embora não tivesse nada que pudesse servir de obstáculo, vai ao chão. Em prantos, questiona: O que está acontecendo? Que loucura é essa? Pernas não obedecem, nada obedece. Só quer morrer!

Léinha recobra um pouco a consciência. Dor convida a um despertar. Uma coisa pontuda sai aos poucos da barriga. O que pode ser isso? Pensa. É então que, com muito esforço, ergue seus dois braços e, com as pontas dos dedos, tira, aos poucos, da barriga uma coisa pontuda. Antes de puxar, olha para as mãos e, um tanto espantada, percebe que estão grandes e inchadas. Ao puxar, percebe que o que sai de dentro de sua barriga é a agulha. A mesma que estava estranha na noite anterior. Junto com a agulha, sai muito sangue. Assusta-se, mas a ânsia de acabar com aquela dor é maior. Sem se dar conta, puxa a agulha de dentro de si. Arranca de si aquilo que a incomoda, que lhe dói, que a incha. Quanto mais força emprega no ato de puxar, mais agulha sai. Junto com a agulha, sai também o trabalho que ela terminara na noite anterior. – Como? O que isso está fazendo dentro de mim? Como isso veio parar aqui? Como? Agulha, linha e a obra pronta vão junto com as mãos que as puxam, rasgando o corpo daquela mulher. Foi cosida por agulha e linha. É um parto? Dor, sangue, aquela coisa estranha acontecendo quando, de repente, o buraco na barriga se abre e aponta uma cabeça! Seus olhos não podem crer naquilo. O que se passa naquela casa? *O que esse homem faz dentro de mim? Como?* É um homem. Apesar do sangue que o cobre, percebe-se sua coloração. Olhos castanhos, lábios carnudos e a boca meio torta. Olhos enigmáticos, orelhas avantajadas e finas e nariz achatado. Tudo se confunde. É um rosto? Como pode estar desse tamanho? Será Léinha mãe de um filho adulto? Como ciência, filosofia, antropologia e biologia reagem a isso? Como explicar?

O marido, depois de muito esforço, consegue se levantar. Pega a faca e vai em direção à esposa. Quando rompe o corredor que dá acesso à sala, se depara com a cena de um homem saindo da barriga de sua mulher. Não aguenta, desmaia. Na queda, crânio



não suporta o impacto e se rompe. Morte. Tanto esforço em ajudar a esposa sucumbe em um único ato, o de cair reto ao chão! A faca voa longe. Agulha, linha e trabalho estão esparramados no chão, ensanguentados. Junto a isso, um homem acaba de sair da barriga de Léinha por completo. Nem viu o sofrimento de Léinha chegar ao fim, nem pode se dar conta do suspiro derradeiro de sua companheira de alguns anos.

Chega o fim a vida de Léinha e dá início à vida de outro homem. Homem esse oriundo de uma composição um tanto estranha: linha, agulha, um trabalho e mãos. Tudo junto, tudo embolado com sangue.

Morrem dois? Nasce um? Muitas mortes e muitos nascimentos em um dia que se multiplica em muitos.

## Na sala

Estômago reclama. Fraqueza! Ruídos estranhos e barulhos intensos. Estômago mexendo. Inúmeras vezes acontece. Nunca é o mesmo. Os movimentos agradam. Provocam cócegas e contorções. Faz se arrastar ao chão! Faz braço se levantar e perna bater e dedo prender e língua girar e cabeça bater e mão escorregar: criar mundo.

Coluna ereta. Posição cria outro mundo. Sala: poltrona, mesa, corpo na cruz, mulher chorando com as mãos juntas, quadro com uma paisagem. Uma caixa preta de onde saem cores e sons. Todos na caixa preta estão de pé! De tanto olhar para cima a nuca dói. Cabeça se abaixa! Olhos voltam a arder. Outra ardência. Imagens coloridas da caixa preta cansam os olhos. Desvia o olhar. Tudo é muito novo e intenso. Coluna ereta. Palma das mãos apoiadas no chão. Um giro da cabeça faz um estalo. Gira novamente e nada. Nova tentativa, nada! Gira ligeiramente a cabeça de um lado para o outro e de frente pra trás. Tontura! Esbarra as costas no chão. Bate a cabeça! O barulho dói e provoca riso. Coluna ereta. Palmas das mãos apoiadas no chão.

Estômago reclama. Sente algo que impele movimento. Cabeça, tronco e membros pesados. Vai ao chão. Olho para cima, teto. Lâmpada e brancura. Repouso...

Tarde ensolarada. Janelas com sol fazem arco-íris no chão. Pássaros cantam ao longe, assobios abafados pelas paredes. Do lado de fora da casa tem tótótó pá pápápá, *vira para o outro lado tótótó pá pápá, feche a água que está aberta, biiiiiixxiixxiixxi, ronronrrooommmuuuummmm, corre corre, duvido você me pegar, aaaiiii assim não vale, está com o Carlos, vem pegar a gente, seu mole!* Muitos sons. Sons colorindo um mundo. Ouvidos atentos ao que passa inventando um mundo. Ouvidos admiram teto e olhos admiram sons. Ao redor, muitas coisas acontecem.

Pernas em irritação. Coisas pequenas e velozes passam. Algo novo nas pernas. Olhos procuram o que proporcionara tal sensação e se depara com uma barata. Brincam. Mãos acolhem. Fuga! Perseguição. Mão se arrasta pelo chão e encontra a barata. Mão esticada no chão deixa buraco. Fuga! Barata foge para debaixo do sofá. Mão persegue. Braço se lança ampliando o alcance da mão. Rasteja pra lá e para cá. Barata capturada! Presa entre os dedos e a palma da mão. Barata não se entrega. Suas pernas se mexem muito, tudo em vão. Lentamente mão vem se arrastando pelo chão até que consegue sair

de debaixo do sofá. Barata não desiste, mexe as pernas e as antenas da face, tudo em vão. Mãos apertam com mais força. Um líquido viscoso e branco anuncia um fim. Barata morta. Mão se delicia com a temperatura do líquido. Mão aberta, barata esmagada. Dedo da outra mão se move em direção ao líquido. Toca. Vai distanciando lentamente. Fio se cria! Fio de líquido branco com ponta de dedo. Lábio não resiste e rompe o fio.

Mão com barata sobe lentamente ao lábio. Boca saliva. Garganta engole em seco. Estômago se alegra. Boca abre. Mão deposita na boca. Língua dá pulos. Dentes debatem. Língua em sua parte inferior expelle um líquido que amacia o pequeno inseto. Estômago trabalha. Olhos vibram. Estômago comemora. Ouvidos intensificam. Pernas se mexem. Mãos acima da cabeça. Olhar para cima. Sono.



Saúde adverte: fumar causa câncer e impotência sexual. Só hoje no Magazine Luiza você compra esse refrigerador por mil reais. Professores são agredidos ao protestarem contra a defasagem de seus salários. Professor é uma profissão digna. Que tiro foi esse, que tá um arraso? Que tiro foi esse?

Tudo aquilo produz frenesi. Olhos, ouvidos, mãos, nariz procuram de onde vêm os ruídos. Ouvidos encontram uma caixa preta com tela enorme e colorida. Nariz encontra cores em sons. Olhos se perdem. Braços apoiados ao chão até ficarem rígidos e em um impulso se lança de pé. Chão! Pernas não firmam o suficiente. Pernas se esticam. Apoiam-se contra cadeira, força empurrando-a. Cadeira empurra coisa. Heheheheiiiiiiuuuuuuu. Demora um tempo brincando com pernas e sofá. ssssssssss. Olhos pesam. Adormece.

## Interlúdio

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose senão eu?

— Você? Essa agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...<sup>14</sup>

O que pode uma pesquisa em educação? **Agulha-linha**. Que forças ela solicita? **Agulha-linha**. Passeios e movimentos no/com um entre, no/com um meio<sup>15</sup>, num caminhar. **Travessia!** Uma pesquisa em educação produz, no e com o meio, formações. Como alguém se torna? **Agulha-linha**. Como: modos possíveis de operar com as forças. Forças: atravessamentos e fios e linhas<sup>16</sup>que produzem uma trama. **Formação!** Formações com linhas e fios e formas e ações. Tudo junto! **Travessia**.

Quais fios e linhas e atravessamentos passam em uma formação em travessia? Será a Academia capaz de suportar outras linhas e fios e atravessamentos que não os previstos? Como a academia acontece com Pesquisar em Educação? TRAVESSIA-

---

<sup>14</sup>(MACHADO DE ASSIS, 2017, p. 39).

<sup>15</sup> O termo “meio” do trecho “no/com meio” foi produzido junto a leitura do livro A Ordem do Discurso de Michel Foucault. Neste texto, o filósofo diz das relações de disrupturas da abertura a um fora. Fora aqui entendido como um interstício. Um entre. Um jogo de forças aberto ao fora.

<sup>16</sup> [...] indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, tópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza [...]. (DELEUZE, GUATTARI, 1996, p.76)

AGULHA-LINHA. Pensamento como processo de disruptura e de invenção de problemas<sup>17</sup> e de mundos que convidam sujeitos e mundos a jogar um jogo: tornar-se professor! Todo um sistema se faz evocado a estar presente, tramado a partir do que se espera de um Professor. Em contato com o jogo de forças uma série de certezas e exatidões são invocadas. Não se pode errar! Uma manutenção de fios e linhas e atravessamentos são convidados. **Alguém diz: Para se ter isso (uma forma esperada) é preciso essa linha aqui. Para se ter aquilo, essa outra linha precisa estar com essa. Nada pode faltar! Não pode dar errado! Esse fio se liga a aquela linha e, assim, vai se constituindo um professor! Só não consegue quem não quer!**

Sujeito lançado à maquinaria de fazer Professor. Alocse: lugar de fazer Professor! Em alocse, com maquinaria de fazer professor, uma maquinação faz torcer os fios esperados e se produzem outros fios. Maquinação: produção de formas em ação. Formas que convidam fios, linhas e atravessamentos a verbar<sup>18</sup> substantivos. Formação! AGULHA-LINHA.

Engrenagens de fazer professor são acionadas e um coletivo de fios, linhas e atravessamentos é convocado. Que professor se quer? Professor! **Alguém disse: é bem fácil! Basta pegar a linha e prender aqui no ponto onde são produzidas as leituras. Pegue esse fio e deixe-o alinhado com o ponto das práticas. Esse ponto tem que ficar bem amarrado pra não se soltar, porque se essa linha aí se soltar, meu amigo, sujou! Depois, conectam-se esses pontos no escrevedor de textos: escreve-se o que aconteceu e o que se entendeu. Pronto! Depois de juntar tudo isso é só esperar. Veja como ficou lindo!**

Alocse deposita esperanças e confianças em sua maquinaria de fazer professor. Acredita que seu tear é infalível. O que fazer com as pontas que ficam desse movimento de tecer linhas e fios e atravessamentos? **Não deu certo, como pode?** Pode dar *errado*?

---

<sup>17</sup>“E a noção de problema, que veremos estar ligada à noção de diferença, também parece nutrir os estados de uma bela-alma: só contam os problemas e as questões... Todavia, acreditamos que, quando os problemas atingem o grau de positividade que lhes é próprio e quando a diferença torna-se objeto de uma afirmação correspondente, eles liberam uma potência de agressão e de seleção que destrói a bela-alma, destituindo-a de sua própria identidade e alquebrando sua boa vontade.” (DELEUZE, 1988, p. 9).

<sup>18</sup> Termo inspirado a partir das reuniões do Travessia, grupo de pesquisa liderado pelas professoras pós-doutoras Sonia Clareto e Margareth Rotondo, que abrigou essa pesquisa e tem grande influência sobre ela. O termo verbar incita uma produção de movimentos no substantivo.

O operador da maquinaria deve estar com defeito. Não era pra sobrar nada! Tudo deveria estar juntinho e funcionando...



**Formações: nascer pelo meio**

## Encontros e despedidas

Frente a uma figura detentora de informações muito valiosas, dessas que prendem e chamam a atenção pela forma socialmente produzida com modo garboso de existir: Bedel! Esse corpo traz uma farda com suas medalhas condecoradas e um olhar que paralisa. Rígido e austero traz em seu rosto o fulgor e o peso de tudo aquilo que vivera. Garvasil não entende muito bem dessas coisas, mas pensa que seu rosto pode ser semelhante ao de tal figura. Afinal, trajar aquela farda é de uma elegância sem par. Impõe muito respeito, admiração e certo temor. MOLARIDADE<sup>19</sup>!

Bedel gosta de narrar suas aventuras e o modo como vence as batalhas que dão a ele todas aquelas marcas. Gosta de pensar que ele é como as batalhas. Elas são um órgão tão vital quanto o coração. Ele gosta de pensar que as barreiras que supera não são tarefas para qualquer um, por isso, gosta de contar suas tramas sempre de forma muito intensa. Odeia ser interrompido. Gosta muito de palavras, a ponto de se misturar tanto com elas, que não se diferencia mais delas. Aparenta-se uma! As palavras que profere atingem os corpos escutantes das formas mais variadas. Sorrisos, franzidos de testa, coceira nos olhos. Os movimentos se fazem múltiplos e multiplicados. Há abaixamento de olhos e, até, vômitos. Pois é, as palavras que saem do palato do Bedel, por vezes, são como coisas que causam enjoo.

Gosta que todos sigam à risca o que é dito. São palavras apodíticas! Bedel não permite outras interpretações e diz conter em suas palavras segredos de um caminho a ser seguido. São palavras que ordenam um caminho. Flechas com alvos definidos antes de serem arremessadas. Convite? Não! Ordenação! Siga o caminho adiante, não há convite ao erro. Não há convite, apenas ordens. Façam assim, assim! Não o façam assim, assim!

Aquela cena espantou Garvasil! Uma força intensa convida sua atenção para se espalhar como um todo pelo ambiente. **Convida. Como escapar da força de Bedel?** Já

---

<sup>19</sup> “Existe aí, como para cada um de nós, uma linha de segmentaridade dura em que tudo parece contável e previsto, o início e o fim de um segmento, a passagem de um segmento a outro. Nossa vida é feita assim: não apenas os grandes conjuntos molares (Estados, instituições classes).” (DELEUZE, GUATTARI. 1996, p. 61) As linhas molares, tomadas no texto como molaridade, imprimem ilusões e evocam marcas cristalizadas em jogos de força, provisoriamente, em destaque.

foi! Não se pergunta mais pelo como enquanto caminho, mas sim, enquanto modo. **MODO! E aquela vontade de vomitar, como contê-la?** Não se contém (não cabe ao eu decidir, já foi!). Sua atenção repousa em uma índia que olha pela janela. Algo naquele corpo convida Garvasil. Rosto que fixa sua frente à janela lateral. Aquilo irritou Bedel. Suas palavras não permitem que os olhos estejam voltados à janela. Tem que se manter o olhar voltado para ele! Aqueles olhos ignoram as palavras ordenadoras. Não suportam tamanho peso e fazem delas, silêncio!

As palavras de Bedel, com todas aquelas medalhas, aqueles lábios quase mecânicos, não eram fáceis de serem encaradas. Toda aquela nuvem negra que se faz em torno daquele rosto arde os olhos da índia e ela prefere olhar para a janela. Janela convida a um fora! FORA! Força que explode olhos, orelhas, boca, nariz, rins, pulmão. CORPO! Encontro com um fora estoura sala, medalhas, palavras, ordens. ESTOURA. Acompanham-se relações: forças. Atravessam-se relações: forças! Movimentam-se: forças. Corpo voltado para a janela encontra ares e respiros frente aos pesos das medalhas. Medalhas dizem de marcas e lutas. Medalhas ofuscam e ordenam. Olhos só querem poder ver. Olhos só querem poder res-pirar. O que pode ser frente a medalhas? E quando a flecha atirada não convida? E quando instrui? Forças, meu amigo, forças!

Nesse instante, Garvasil se espanta! Aquela troca de olhares forma um silêncio ensurdecedor. Garvasil atordoado-se com as forças ao ponto de não saber mais para onde olhar. Onde se olha, quando não se quer olhar? Aquela sensação de vômito aliviara momentaneamente. Os olhos da índia traziam um res-pira-douro. O que se compõe entre aqueles vidros que fazem com que a força das palavras do Bedel não mais a hipnotizasse? Vidro vidrando olhos. Olhos de fora. Olhos olhando um fora! Fora do corpo, o que se vê? Palavras gritam por ordem! Atenção! ATENÇÃO. Escute! ESCUTE. Ouça! OUÇA. Leia!...

Palavras batem e voltam, palavras silenciam, palavras emudecem, palavras amarram, palavras tentam aprisionar um corpo. Corpo insiste em rasgar aquilo que o amarra. Silêncio falando mais alto que a palavra do Bedel. Pode resistir.

Garvasil entra no silêncio da índia e não consegue mais sair. As palavras do Bedel possuem muitos significados, até mais do que ele poderia imaginar. Aquele silêncio era mais forte. Possui intensidade e leveza. Convida Garvasil a mudar de um lugar a outro que ainda não se sabe onde. Mesmo permanecendo sentado ele pôde

experimentar um exercício de desprendimento do Eu. Um Eu que admira aquele rosto-Bedel! Em seu âmago, até quer ser um, mas aquele silêncio tirou a firmeza que havia sob seus pés. Uma superfície que era rugosa, agora ficou lisa! Fazia escorregar, era impossível ficar de pé. O corpo ficava agora em horizontal. Junto a ele estão as palavras-Bedel e o silêncio-índia. Quem será ele agora? Pode saber? Perdido entre palavras e silêncio, já não mais dá conta de um Eu. Agora, um si que dá conta de experimentar aquele jogo ao qual fora lançado. Parece que aquilo que estava do lado de fora, que fazia divisa com o vidro, entrou! Rasgou palavras e flechas e medalhas e rosto.

Nesse momento, todos parecem estar mergulhados em um campo diferente. Bedel, Índia e Garvasil experimentam um si. Um bedel, uma índia e um garvasil, todos esparramados naquela fluidez. Aquele espaço liso e escorregadio que não tinha onde se agarrar. Não há corrimão para se prender. Deixa cair, deixa! DEIXA! Meio que num relance, as palavras resgatam um bedel e o Bedel voltou a operar naquele campo de forças que se fazia. O fora já não mais está com ele, as palavras e toda a força que elas carregam o puxam de volta para onde possa se agarrar. Criaram corrimão. Aos poucos, as palavras puxam Garvasil e ele também pode se prender à carteira onde está sentado. As palavras do Bedel abafam o silêncio até que não se pode mais percebê-lo. Índia levanta-se! Parece que escorrega junto com aquele alisamento que havia se feito e se foi. Pelo ralo! Um sorvedouro chamou-a. Se foi!

Garvasil não sabe muito bem dizer dos movimentos desse dia. Palavras não dão conta de capturar o gosto que se fez desse acontecimento. Não possui a capacidade de fazer verbo delirar ou, talvez, o verbo tenha delirado e não percebeu, ficou por conta do si! Esse só aparece pra derrubar, depois vai embora deixando as cicatrizes e as marcas para que sozinho se dê conta.

Depois daquele dia, Garvasil ficou com aquele silêncio. Por vezes, se indagando: Quanto tempo dura um acontecimento? Aquela índia e seu silêncio. Bedel com suas palavras ordenadoras. Tudo ainda reverbera nesse corpo que, sem perceber, se perdera. Desfez-se entre silêncios e palavras.

Garvasil gosta de cantar e, nesse movimento de estar com a índia, sacou seu violão da *case* e foi ter, com Chico e Tebolho, um pouco de conversa.

Tebolho: mulher que também joga com palavras. Palavras de nada. Suas palavras convidam a um lugar vazio. Vazio com um mundo de possíveis. Tebolho lança ao vento um movimento de palavras que rasga, tanto quanto o silêncio da índia. Garvasil se faz com lugar vazio entre silêncios-palavras-possíveis. Quanto move um acontecimento? Queria ele aproveitar ao máximo daquela presença e, de tão grato, quis cantar. É então que Chico o aconselha a cantar uma música sua: João e Maria. Mais que depressa Garvasil corre ao violão. Seus dedos deslizando sobre as cordas, dançando entre silêncios-palavras que compunham junto aquele valseado outro possível. Cantou então aquela canção que se des-faz em outra! Como se quisesse levá-la até a índia, lançou ao mundo:

Agora eu era o herói  
E o meu cavalo só falava inglês  
A noiva do cowboy  
Era você além das outras três.

Eu enfrentava os batalhões  
Os alemães e seus canhões  
Guardava o meu bodoque  
E ensaiava um rock para as matinês.

Agora eu era o rei  
Era o bedel e era também juiz  
E pela minha lei  
A gente era obrigado a ser feliz.

E você era a princesa  
Que eu fiz coroar  
E era tão linda de se admirar  
Que andava nua pelo meu país.

Não, não fuja não

Finja que agora eu era o seu brinquedo  
Eu era o seu pião  
O seu bicho preferido.

Vem, me dê a mão  
A gente agora já não tinha medo  
No tempo da maldade  
Acho que a gente nem tinha nascido.

Agora era fatal  
Que o faz de conta terminasse assim  
Pra lá deste quintal  
Era uma noite que não tem mais fim.

Pois você sumiu no mundo  
Sem me avisar  
E agora eu era um louco a perguntar  
O que é que a vida vai fazer de mim<sup>20</sup>.

A canção soou e soou e soou como se não tivesse mais fim. Quanto dura um acontecimento? Quanto ele pode mover? Nunca se sabe o que pode um acontecimento. Ele não tem amarras nem horizontes, apenas se dá! Quase impossível perceber de onde vêm as coisas. Veio silêncio e veio palavra e veio música e veio Chico e veio Tebolho e veio e e e...

Canções ecoam num encontro tramado com silêncios e palavras. O que se quer com palavras? A canção deseja, com palavras, inebriar corpos. Embriagar sentidos, deixando-os tortos e encharcados de nada! Dedos ao violão e palavras ao silêncio propiciam um encontro com corpos que se desmancham em territórios e se desterritorializam em desmanches. Palavras! O que se quer com palavras? Desejos se engendram com medalhas. Olhares para a janela convidam um fora a rasgar um dentro.

---

<sup>20</sup> HOLANDA(1977).

**Alguém diz: Eu sei o que estou dizendo! Acompanhe-me que se dará bem! Já viu aqui em meu peito? Essa medalha eu ganhei quando aprendi a utilizar palavras. Antes eu não sabia, mas agora já sei, vá por mim!** Ordens e mais ordens. Janela trouxe Chico que trouxe João e Maria. Palavras muitas e silêncios muitos. Silêncios. **Fala baixinho que ele não pode escutar a gente falando. Nossas palavras atrapalham as palavras dele. Já viu palavras na janela? Convido-te a um pensar: O que as palavras têm feito de nós? O que se quer com as palavras? Um olhar na janela, despretenhoso e vulgar que, sem querer dizer nada, diz.**

Garvasil se faz louco a perguntar: O que índia-silêncio e Bedel-palavra vão fazer de mim? Pergunta que o leva até uma esquina. Na esquina, tudo pode! Esquina se faz lugar vazio repleto de possíveis. Some no mundo sem avisar e Garvasil torna-se a perguntar: Que vida?

## Despedidas e encontros

Um dia tranquilo. Céu azul cintilante convidou os habitantes de aloce a curtir a brisa matinal com uma conversa vadia. Entre uma prosa, no lugar onde a refeição é feita, e abraços, sorrisos, dúvidas, qualificações, eis que surge Bedel. Olhares convergem-se. Sorri! Sua presença denota que está na hora de sair de onde estamos e nos dirigirmos para o lugar de nossos encontros da semana. Então, sem expressar uma palavra, apenas com o olhar, Bedel nos convida ao deslocamento. Que discursos tramam um olhar? Quanto de presença em silêncios e olhares produzem corpos? DISCURSO.

Entre cafés, computadores, cabos e livros, um movimento se inicia. Tema: Metodologia pós-estruturalista (ficções). Os responsáveis pela mediação eram dois colegas de aloce, corpos em contiguidade de velocidades. Corpos que multiplicam afetos e disparam afetos, corpos ocupados e atentos aos movimentos. É assim que Garvasil se sente quando da boca de seus colegas saem forças em forma de palavras. Linguagem enquanto organização de forças dando nome e vazão ao que se constitui enquanto um corpo. Formas político-temporais que atravessam um encontro. Materialidades engendram fluxos em lentidões e em velocidades numa composição com saberes e querereres.

Filme começa! Corpos atentos! Algo vai se desenhando, arranhando, rasurando! No filme intitulado La fate ignorante. Uma busca por Michele!

-É possível um filme dizer de uma metodologia de pesquisa?

- De que filme estamos falando?

- Filme mesmo, sabe? Filme de verdade!

- Filme de verdade? O que seria filme de mentira?

- Esses filmes que passam em televisão, sabe? Filme que se aluga em locadoras, que baixa na internet.

- Hum! Filme, para mim, é filme, ué?!

- É que tem filme e filme. Aqui em aloce tem aqueles filmes que eles fazem para explicar algumas coisas dessas teorias que falam muito por aqui. E tem esses filmes mesmo, sabe? De passar na televisão. Será que ele diz alguma coisa?



- Que papo mais estranho. Filme é filme, ora! Tem filme que faz nascer em nós umas coisas estranhas. Umas vontades esquisitas e leva a gente para uns lugares que não fazíamos ideia de que poderíamos ir. Mas não sei se filme é diferente de filme.

- É que os filmes que passam em alocse sempre “ensinam alguma coisa”. Tem aquele que passaram pra gente há um tempão atrás, que fala da professora que faz com que seus alunos sejam escritores, fazem até um diário no filme, lembra não?

- Sim!

- Então, esses filmes assim. Mas, e aqueles filmes mesmo? Será que deixam passar? Será que dizem algo? Será?

- Deixam sim, ué!

- Filme pra passar aqui tem que ter algum sentido, né?

- Como determinar o sentido de um filme?

- Se o filme passar uma mensagem bonita, daquelas que ensina, como no filme dos escritores, esse é o sentido: ENSINAR!

- Ih, complicado isso aí, não?! Essa coisa de filme que ensina, filme que não ensina. O que se quer com filme que ensina?

ENSINAR: Do latim INSIGNARE, “gravar, colocar uma marca em” de IN, “em”, mais SIGNUM, “marca, sinal”.

O que se quer quando se quer ensinar? Gravar signos? Inventar signos? Interpretar signos? Explicar signos?

Um encontro torce alocse fazendo com que o chão pareça não mais ser aquela forma rígida e estável. Alisamentos tornando os lugares de se apoiar em lugares de se escorregar. O conhecimento em alocse é tratado com muita cautela e rigidez. **Alguém disse uma vez que em alocse se produz conhecimento, mas conhecimento mesmo, sabe? Aquela coisa de ler e não saber o que se passa? Conhecer é algo rígido e há poucas variações. Ali era como um laboratório e não como um ateliê. Aqui se produz conhecimento e não arte. Será possível que um filme seja capaz de produzir conhecimento? Que filme? Conhecimento! Quando? Conhecimento... Quanto de conhecimento em filme? afectos e perceptos.**

Junto com filme, palavras pedem passagem. Em meio ao silêncio um acontecimento pede linguagem. Evoca signos. Inventa caminhos. Cava sua própria toca. E em um regurgitar de forças, palavras surgem e tatuam um papel que grita ao mundo.

*Michele: É mulher? Como ela seria: Alta? Baixa? Gorda? Magra?*

*Michele: Substantivo feminino. É mulher?*

*A linguagem não é precisa? Como então ela pode nos traír?*

*Michele: Substantivo feminino. Substantivo?*

*Michele: Se deu num encontro! Substantivo masculino! Masculino?*

*E a linguagem?*

*Delirou?*

*Feminino: Michele! Foi o feminino do masculino?*

*Marido: Substantivo masculino! Masculino? Michele!*

*Amante: Substantivo masculino! Masculino? Pode Michele masculino?*

*Delirou?*

*Amante: amorfo*

*Amante: Se deu num encontro, mulher? Homem? O que foi? O que se deu?*

*E a linguagem? E o sujeito crítico, sabe que Michele é homem? Ser crítico é enquadrar? O que pode um corpo-substantivo-mulher-masculino? Deu-se uma dobra:*

*Michele é homem! Dobrou?*

*Pensar não é conhecer, pensar se faz com o corpo. Corpo força o pensar e, para materializar o pensar, produz linguagem.*

*Delirou!*

*O que trai, o discurso ou a linguagem?*

*Existe um Eu que fala porque esse Eu tem memória e é por se ter memória que o Eu aparece?*

*A memória traiu Antônia? Memória? Antônia? Quem? E o sujeito crítico?*

*Antônia-michele-macho-fêmea-casa: Tudo junto. Não existiam e, agora, existem?*

*Delirou?*

Sangue? Banalidades? Capturas? Sala de aula com filme acontece. Uma escrita sangrando! Fluxos compõem aquele ambiente. Um campo de forças se instaura. Uma abertura a fluxos. Devir-escrita no corpo-garvasil-filme-sala de aula. Um espaço que abriga devires. Encontro desmancha formas e convida a andar sobre uma superfície lisa. Vozes outras ecoam no ar com filme e escrita. alocse torna-se outra em um movimento no qual os corpos são convidados a pensar a partir de um filme. Portas são arrombadas! **Alguém disse, uma vez, que o conhecimento é a chave para abrir coisas. Demora-se muito para fazer uma chave. Requer um trabalho intenso, firme e ininterrupto.** O conhecimento não é chave, mas porta se abrindo! O conhecimento não se faz com chave, mas sim como porta abrindo! **Quem tem a chave, tem o saber?** Chave violenta a fechadura, não se faz harmônico, faz-se com arrombamento! Porta-conhecimento se faz com chave-arrombamento. Violências movimentam corpos pensantes em metodologias! Saberes se engendrando! Chave-ruído-Michele, como pode Michele ser homem? Vida move pensamento, pensamento afirma vida? Michele homem? Aluno dando aula? Corpos-alunos movidos por sangue se arrastam em uma obliquidade.

Aula com filme com chave com porta. Poderia Alocse suportar outras formas de produzir saber? O que se quer quando se quer conhecimento? Pensar! Verbo que dança com corpos. Aprender! Verbo!

Pesquisar com filme lança palavras outras aos territórios, promovendo estranhamentos em corpos. Há o que se esperar? Há o que se antecipar? O que diz um feminino? O que diz o nome próprio? Inebriações e delírios fazem do pesquisar uma ação. Sabe-se o que se é? Quem disse? **Alguém disse que substantivo feminino indica mulher.** Devaneios de uma língua tornam pesquisar um movimento de mão na massa. Palavras modulando corpos convidando-os a serem outros? O que se quer quando se está em alocse? **Alguém me disse que quer conhecimento. Conhecer, medir, saber, antecipar.** Quanto um corpo resiste às formas estabelecidas? Substantivo feminino diz alguma coisa? Perceber diz de um saber? Perceber? Saber?

Garvasil aventura-se em aprender. Bedel aventura-se em ensinar. Corpos em territórios conhecidos desterritorializando em filmes e palavras. Ferramentas de produzir a si em encontros de muitos.

O quanto corpos e formas se sustentam em alisamentos?

## Interlúdio

Uma pesquisa em educação que ocupa os fios soltos, que pode? Esses fios que se soltam fazem, com docentes e discentes e gestores, um movimento outro. Uma Alocse não gosta muito de professores com fios soltos. Uma pesquisa em educação que trama com fios e linhas e atravessamentos, uma produção de professores com linhas e fios e atravessamentos que escapam aos bem amarrados.

Um pesquisador que se produz com narrativas, contos e ficções encontra fios soltos e pontas duplas e triplas e quádruplas e e e... Um pesquisador encontra palavras e narrativas e ficções na produção de um corpo professor e um corpo aluno e um corpo e e e...

Uma pesquisa que ocupa a produção de sentidos nos escapes e nos respiradouros. Alocse e sua maquinaria suportam invenção de vidas com fios outros que não os bem amarrados? Que formação?

Narrativas e contos e ficções encontram um pesquisador que se dilui em muitos.

Um jogo de forças “bem amarrado” esconde muitos fios soltos. Um olhar ligeiro e despretenso deixa passar microfios. Normalidades: impressões, armações, fios que supostamente estão aparados e bem amarrados. Banalidades: fios soltos. Microfios que bagunçam os supostamente amarrados. **Des-con-fianças! Agulha-linha.**

Um pesquisador atento aos fios soltos e aos **acontecimentos banais!** O que se pode com restos? O que se pode com rastros? **Agulha-linha.**

Um pesquisador busca, com narrativas e contos e ficções, modos de operar com banalidades. Um pesquisador, junto a fios e linhas e atravessamentos inventados, inventa uma outra alocse!

Narrativações: vozes e silêncios e olhares e gestos e sussurros e gritos de corpos que se lançam e jogam o jogo do tear de constituir a si em alocse.

Contações: vozes e silêncios e olhares e gestos e sussurros e gritos de corpos que se lançam e jogam o jogo do tear de constituir a si em alocse. E, em tudo isso, se diferencia<sup>21</sup> e se constitui com narrativas.

Ficções: vozes e silêncios e olhares e gestos e sussurros e gritos de corpos que se lançam e jogam o jogo do tear de constituir a si em alocse. E que, em tudo isso, se diferencia e se constitui com narrativas e contações.

Garvasil: corpo aberto e fechado com tudo e com todos em tudo e em todos. Vai se fazendo com narrativas e contos e ficções e sempre inventa outras narrativas e contos e ficções e que anda sempre pelo meio com narrativas e contos e ficções e torna-se professora e professor e Professora e Professor com narrativas, contos e ficções e outras coisas mais.

---

<sup>21</sup> Trecho inspirado em Azevedo (2017). No texto ‘Existem palavras inexatas para dizer de coisas exatas? Que palavras são essas?’ que se encontra na dissertação, percebemos a produção de múltiplos sentidos em palavras. Palavras que torcem conceitos e engendram problema em um pesquisar em educação. Esse movimento inspira essa escrita ao produzir, junto a ela, palavras que produzem movimentos em multiplicidades, produzindo sentido junto a proximidades e afastamentos.

**Formações: Torna-te quem tu és**

## pesquisar

Uma manhã de sexta-feira. Sol entre nuvens claras convida Garvasil e tantos outros a um estar em alocse. Encontros com pesquisas e objetivos e metodologias e resumos e narrativas sobre formação. *Dizeres* e **quereres** engendram estranhamentos com pesquisas e objetivos e metodologias e resumos e narrativas com formação.

Delírios

*O que você pesquisa mesmo?*

*Eu? O eu pesquisa?*

*quem? Quem pesquisar.*

*Quem: forças e quereres.*

*Forças inventam rotas e vetores.*

*Quereres inventam rotas e vetores.*

*Mapas. Linhas e fios e forças e quereres.*

*Começo, meio e fim!*

*Tem análise?*

*Esquizofrenizar pesquisa.*

*Tem metodologia?*

*Procedimentos inventivos.*

*Tem materialidade?*

*Rastros.*

*Objetivo?*

*Devir.*

*O que você pesquisa mesmo?*



*Eu? O eu pesquisa?*

*quem pesquisa?*

*quem: forças e querereres.*

*Forças inventam rotas e vetores.*

*Querereres inventam rotas e vetores.*

*Mapas. Sempre linhas e fios e forças e querereres.*

*Habitar formação. Forças e querereres. Pesquisar em educação.*

*Tem nome? Tem saúde? Tem gosto? Tem calça? Tem tema? Tem palavra-chave? Tem cálculo? Tem milho transgênico? Tem pênis? Tem vagina? Tem objetivo? Tem caminho? Tem... tem... tem...???*

*Pode não ter?*

*Pesquisar em educação. Habitar formação. Habitar pesquisar.*

*Café veio fraco. Amargo e levemente adoçado. Língua resmunga, estômago arde! Boca mastiga um biscoito. Alívio? Não! Outro gole. Biscoito sobre a língua não ajuda. Estômago dói. Língua resmunga. Língua pode querer dizer o que quer? Língua trai o eu, língua quer! Que corpo se inventa com língua que quer? De quem é o gosto? Com quem está o gosto? Quem produz gosto? Quem? O Eu engana, sempre engana! quem engendra sentidos outros e explode em educação. Habitar formação. Habitar pesquisar. Forças e querereres.*

*Há modelos a seguir?*

*“PARA SER BOM, O PROFESSOR DEVE SABER DE TUDO UM POUCO.”*

*Onde ENSINAR?*

*Não há modelos a seguir!*

*Quando ENSINAR?*

*Não há modelos a seguir!*

Como ENSINAR ?

*Não há modelos a seguir!*

“PROFESSOR TEM QUE SER ATENCIOSO.”

*Não há modelos a seguir!*

“PROFESSOR TEM QUE SE LIGAR NO SOCIAL.”

*Não há modelos a seguir!*

“PROFESSOR TEM QUE SABER ENSINAR.”

*Não há modelos a seguir!*

“TEM QUE SABER ESCUTAR.”

*Não há modelos a seguir!*

**Encontrar a mais justa adequação**

**Tudo métrica e rima e nunca dor**

**Mas a vida é real e é de viés<sup>22</sup>**

Caetanear formação

“PROFESSOR TEM QUE SER NEUTRO.”

*Não há modelos a seguir!*

“PROFESSOR TEM QUE SER IMPARCIAL.”

*Não há modelos a seguir!*

**O quereres estares sempre a fim**

**Do que em mim é de mim tão desigual**

Caetanear formação

*Em pesquisa há bruta flor dos quereres....*

---

<sup>22</sup>Caetano Velozo (1980).

*O Eu engana, sempre engana. Eu?*

*Forças inventam rotas e vetores.*

*Quereres inventam rotas e vetores.*

*Mapas. Linhas e fios e forças e quereres.*

## Oficinar<sup>23</sup>: formação em **experimentação**

Formação docente. **experimentação** em movimentos.

Tornar-se professor! **experimentação** de des-aprender a ser!

Modulações<sup>24</sup> da existência. Encontros com forças múltiplas que convidam a múltiplas entradas e saídas.

Formação docente: encontro com as potências que nos convidam ao tornar professor. O que pode um professor? **experimentação**. Tornar-se professor. Como alguém se torna professor? **experimentação**. Modulações com os modos instituídos na produção de uma vida.

Modulações inventam alisamentos. Um chão estriado se faz liso e faz cair. Uma **experimentação**: escorregar até onde o tombo o levar. Sem lugar para se agarrar, apenas a certeza de não saber onde vai dar. **experimentação**.

Uma história:

Armando nasce em uma família de artesãos. Cresce em meio a cores e tecidos. São tantos fios e cores que seu corpo se enche de ideias. Em uma segunda feira, chega em sua casa uma máquina de tirar retratos. Nunca havia se encontrado com uma. O garoto, que já era cheio de ideias, não consegue se conter de tanta curiosidade e, junto de sua família, começa a mexer na máquina.

Na caixa que a máquina veio, há um balde grande, um balde pequeno e panos brancos partidos em formato de quadrados.

---

<sup>23</sup>Azevedo (2016, ) diz que: “Parece que officinar não tem muito a ver com o que se faz exatamente, mas como se faz. Sempre novo de novo, officinar com bolos, pães e quaresmas. Tem a ver com o modo como fazem, com o tatear, com o saborear, com o inventar.”(p. 15)

<sup>24</sup>Kastrup (2011) afirma que, segundo Simondon, “modular é modelar de forma contínua e perpetuamente variável [...]”(p.27)

Naquela casa, onde os trabalhos manuais se fazem constantes, agora há também a qualidade habilidade de tirar retratos. Sabendo da novidade que se fez naquela casa, alguns vizinhos vão visitá-los. Muitos querem ser registrados através da máquina.

A mãe de Armando é uma mulher habilidosa com as mãos. Mãos que tecem com linhas lindas tranças de pano. Ela se encarrega de ir buscar os materiais para que os retratos fossem produzidos. Antes de providenciar o material, vai até o fogão e coloca um litro de água para ferver e tecer um saboroso café. Depois de colocar a água para ferver, vai buscar mais água, dessa vez, no balde menor e, prontamente, solicita que seu filho vá buscar o material para tirar os retratos.

Armando pega o balde maior e sai como uma flecha em busca do material. Em sua cabeça, se passam muitas coisas. Chega ao quintal. Fica de joelhos. Com as mãos de artesão, começa a remexer a terra. Seus dedos se enchem de terra. Da terra emana um cheiro de umidade. Aquele aroma lhe agrada. Move as mãos mais rapidamente e o cheiro aumenta. Em seu corpo, muitas alegrias. Nariz perfumado. Mãos coloridas. Bem lentamente, coloca a terra no balde. Parece não querer, por fim, aquela obra. Balde cheio. Na camisa branca, o retrato das mãos coloridas com terra. Sorriso!

Na sala, as visitas aguardam ansiosas pela fotografia e pelo café. Enquanto esperam, cantam uma canção. A boa nova sempre pede mãos dadas e uma canção nos lábios. O perfume do café e o cheiro de terra molhada anunciam o fim da espera.

Armando se habilita a ir primeiro.

Tudo pronto: Balde com terra, balde com água e panos brancos à mesa. A mãe de Armando prepara a mistura. Terra molhada solicita pouca água. Mãos da progenitora vão revirando terra. Do barulho de terra remexida vem cheiro de café colorindo ambiente. Mistura pronta! Armando, que já possui as mãos coloridas, enche-as de terra e lambuzava seu rosto todo. Todos olham assustados. O garoto sorri! Não se vê mais Armando. Não se vê? Vida com terra se torna outra! Não se sabe de onde ele tirou essa ideia. Sua mãe pega um pano, que veio com a máquina, e coloca sobre o rosto.

Todos anseiam pela retirada. *O retrato será igual?* Pensava um. *Como será que vai ficar?* Indagava outro. Armando não parece se importar muito com o que vem. Só quer se deliciar com aquele perfume de terra e com aquele pano preso ao seu corpo. Depois de alguns minutos massageando, o garoto tira o pano do rosto. O momento da

retirada do pano foi mais esperado que o café. O pano vai caindo. A terra vai marcando no pano o contato com o rosto. No pano, ficam marcas de um rosto. No rosto, fica terra. Nas mãos, fica cheiro. Em vida, sorriso e fazeção de um rosto.

## **Oficinar formação: fazer ferreiro**

Modulações em oficina. Oficinar formação como um artífice faz sua obra. Obra atravessa tempos e espaços. Trabalho como um processo ético-estético-político. Formação obra com vida, vidas outras. Estar em dispositivos com o mundo lança formações em jogo de forças. Relações sempre provisórias que se fazem com sangue. Obrar formação. Deixar em formações marcas forjadas em relações constantes.

No jogo, forças suspendem e querem se sustentar como evidentes e óbvias. TRABALHO. PROPRIEDADE. Evidências e obviedades em manutenções que se dão em normalizações e normatizações. PRODUÇÃO. PRODUTO. Formação normatizada em estagnações diz de movimentos de manutenções. LUCRO.

Quereres lutam contra as vontades de verdade em jogos de forças que obram formações.

Ferreiro manobrametal. Ele sabe que essa propriedade se faz no entre com vidas e mortes. Fogo e carvão e brasa e narrativa e mãos. Suor no calor do corpo forja a si como metal. Fogo e narrativa em relações, produzir, fazer ferreiro. Marretar e abrandar em águas formas outras de desaparecer e aparecer provisórias, com suor e sangue.

Ferreiro opera com ferramentas a produzir obra. Trabalho com forças que instauram um perder e um ganhar que não tem a ver com lucros. Propriedade como lugar de estar entre vidas e mortes, com suor e sangue. Vida se faz impor e sua produção vincula um fazer em meio a um jogo de forças. Produto espada e ferradura se vão e junto a elas vão também sangue e suor.

Ferreiro e ferradura e espada e suor e sangue outros e caminhos e guerras e fluxos e vida e mundo e e e... Vidas inventadas e mundos em construção, produção outra. Vidas forjadas e mundos forjados de forma contínua e perpetuamente variável.

Suor e sangue alisam territórios. Territórios escorregadios fazem tombar e lançam certezas ao chão. Entre suor e sangue, ferreiro lançado a obrar em possíveis. Oficinar do ferreiro faz um lugar de vida e mundo. Oficinar e obrar... Ficar em e com outros, em muitos fazeres. Ofício-oficina como uma geografia em formação.

Forma-ação e formação. Forma forjada no calor do fogo e no frescor da água. Formação-metal. Devir ferreiro no oficineiro. Devir fogo no oficiar. Devir água no formar. Oficiar formações e oficiar vidas e mundos. *Oficiar de novo, o novo.*

Ações em formas e formas em ações. Vidas e obras e oficiar e obrar. Des-sujeição: ferreiro com oficina nunca sabe o que vai dar em ações em formas e formas em ações.

Forma-experimentação implicadas em um pensar. Ato de pensar no pensamento. Coisa de estar em movimento. *Oficiar e obrar e experimentar.*



## menoramentos

*Meus ombros andam cansados com o peso que a vida tem feito sobre eles. Um pouco de ar faz-se necessário. Não como receita ou prescrição, tampouco como oposição! Estou farto de representação! Cansei de ser ator, quero ser máquina!*

*Máquina em movimento sem imagem, sem cor, sem cheiro! Aos olhos de quem vê, não quero ser nada! Sinto necessidade de inventar meus aromas. Sabe aquela coisa de pegar delírio? Quando o cheiro tem cor. Quando a boca escuta. Quando os pés piram e saem dançando sem rumo nem direção, sem lenço nem documento, apenas pele e osso!*

*Onde aponta a flecha? Ela já saiu em direção ao alvo? Quero me tornar alvo dos meus desejos.*

*Dona Zefina<sup>25</sup> sabe ler fumaça. Dizem que ela inventa palavra com os sorrisos! Seu toque transforma-se em outra coisa quando chega ao chão. Não é mais cor, fez-se outra coisa. A fumaça<sup>26</sup> disse a ela.*

*O que diz a fumaça? Fogo em sala! Fumaça fina e cheirosa. Cheira a alecrim, beijoim e alfazema! Vai se desenhando com o toque. Mãos em fumaças colore o papel! Mas papel não é para escrever com lápis? Mas como se apaga fumaça! Fumaça não se apaga! Vidas em toques e fumaças vão desenhando nos corpos outros órgãos.*

*Lá onde o tempo dobra, torce e contorce. Contr-ação! Flecha, fumaça, alvo sem forma! Formar-se em um mundo sem imagem acontece, entregando-se à fumaça. Não é prescrição! Entregar-se e perder-se tem a ver com ser, sem se dar conta. Verbo-ação!*

*Dor no pescoço, ouvido explodindo e olhar queimando. Será a flecha ou a fumaça? Flecha e fumaça!*

*Encontrei-me com Dona Zefina que leu a fumaça pra mim. Desenhava-se no ar com uma sutileza sem par. Nela estava escrito: menorar.*

---

<sup>25</sup> Inspirado em Meireles (2019), dissertação de mestrado no prelo.

<sup>26</sup> Em uma disciplina do Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Juiz Fora, uma das discentes fez um relato de uma experiência que teve em uma de suas viagens com Dona Zefina e sua habilidade de ler fumaça.

*Zefina e fumaça sempre voltam em ritornelo. Não importa onde Zefina esteja, sempre volta trazendo consigo fumaça e flecha.*

*Nunca se sabe como ela chega e como aparece. Mas onde tem fumaça, nunca se sabe o que virá!*

## **sujando as mãos**

Máquina de fazeção docente gira em uma manhã de sexta-feira. Encontros habituais e intencionais fazem maquinação docente. O que pode uma experimentação com formação? Que forças ela solicita? Que linguagens ela inventa? Que línguas ela faz gaguejar?

formação com mão suja! Forma-ação suja mãos! Mãos: máquinas acopladas à máquina-braço. Dedos: máquinas sobre máquina-mão, maquinar formação. Máquina-mão suja com as cinzas que produzem com fogo. Máquina-mão suja com fuligem que rasga e faz sangrar! Máquina-fumaça engendra formação. Máquina-mãos sujas com fumaça forma-ação com palavras e com sangue. Máquina-mãos sujas. Maquinação faz máquina-mão produzir sentidos outros. Como não diferir?

Flechas rasgam um modo de vida instaurado. Corpo na horizontal. Deitado, que formação se faz? Flecha não deixa nada de pé. Corpo esquiva. Balança de um lado a outro. Olhos ardem ao serem tocados pela máquina-mãos sujas, também se sujam. Máquinas-olhos sujos! Máquina-mãos sujas.

Formar com restos. Restos: sobras ignoradas das relações. O que fica para trás? Rastros apresentam-se juntos aos restos e sujam a máquina-mãos. Quanto de vida se faz com os restos? Quanto um corpo suporta? Qual seu sonho? Máquina-olhos sujos. Corpo-fuligem torcendo em fumaça-sangue. Máquina-mãos sujas. Que fazer com corpo? Formei-me? Diploma sujo com fumaça – sangue-fuligem – resto. Máquina-mãos sujas. Máquina-mãos sujas rasgam diploma em pedaços. Um diploma sujo se faz leve. Diplomas te levam ao alto. Não quero o alto. Quero? Máquinas-mãos sujas. Sangrando, um diploma se arrasta. Você o viu por aí? Cadê? Cadê? O diploma sujo. Pega! Pega! Qual seu sonho? Máquina-mãos sujas. Lágrimas embaçam palavra e fumaça e carro e mesa e violão e giz e datashow e carteira e música e conhecimento e sabedoria. Todos se sujaram com máquina-mãos de fumaça e fuligem.

Lágrima embaixo de uma mesa inventa um mundo ao redor. Lágrima e mesa e mundo inventivos. Voz abafada vazando entre as frestas da mesa e sujam aula com a palavra-fuligem. Aula suja pode? Pode poder sujar aula? O que se quer com aula limpa? Forças impulsionam e movimentam um corpo. Qual seu sonho? Repito: qual seu sonho? Máquina-mãos sujas. Lágrima já embaçou tudo! Língua: músculo que degusta e inventa

sabor ao que se passa fazendo alimento. Língua fazendo-se cérebro e deixando num corpo um gosto amargo do conhecimento que já estava sujo com as mãos de fumaça-fuligem e fogo. Diferir!

Qual seu sonho<sup>27</sup>?

Diploma!

Outro parágrafo se inicia e ainda não sei seu sonho.

diploma.

No dia de pegar diploma, mãos limpas. Tinha roupa preta e tudo mais. Qual seu sonho?

Como fazer diploma-escavação com mãos limpas?

Qual seu sonho?

Meu sonho é poder ser. Ser o que eu quiser ser. Ontem eu era rico com cinquenta reais. Máquina-mãos sujaram dinheiro e diploma. Arder! Máquina-língua produz um sabor amargo, porque a máquina-mão sempre suja quando aulas acontecem. Sujam um diploma, sangram um corpo. Máquina-línguas escavadas, jamais ouvidas quando máquina-mãos estão sujas.

Qual seu sonho, não vou perguntar de novo!!??

Sujar as mãos e não ter onde limpar!

Que formação se faz com mão suja? O que pode uma formação que se faz com mãos sujas? Já limpou suas mãos hoje? Formação docente sendo atravessada por forças e solicitando linguagens. O que se quer quando se quer uma formação limpa? Formação limpa? Limpar formação? Formação suja! Sujar formação! O que esperar em um curso de formação? Manter a ordem? Fazer mais docentes? Tornar os docentes decentes? Tornar os discentes decentes? O que se quer com decência? O que se quer com docência? O que se quer com discência?

Qual o sonho da formação docente? Que desejos engendram alocse? Que desejo? Que alocse? alocse existe?

---

<sup>27</sup> Inspirado em Meireles (2019), dissertação de mestrado no prelo.

- Você não acha que tem muitas perguntas em seu texto? Você não deveria responder essas questões todas?

- Qual seu sonho?

- Você não deveria saber?

- O sonho é seu, como vou saber?

- Por que tantas perguntas?

- Por que tantas certezas?

- Perguntas foram feitas para serem respondidas.

- Será?

- Lá vem você de novo com perguntas. Cansei!

- Você quer respostas porque não aguenta mais perguntas? Você quer respostas para não perder suas certezas? Você quer resolver problemas?

- Sim!

- Quero inventar problemas! Quero inventar problemas! Quero inventar problemas... Quero invente-ar...

Formação com problemas, com invenções, com fuligem, com experimentações, com risco, com restos, com...

## Interlúdio

Um pesquisar: inventa ferramentas com materialidades engendradas com narrativas e contos e ficções.

Educação: modos de produzir vida<sup>28</sup>.

Educar: **verbo**. Ação de fazer a si como uma mão-tear tece um tapete. Tecer a si.

Um pesquisar em educação faz substantivo verbar. Coloca-o em movimento com os fios soltos.

Com agulha-linha pesquisa vai se tramando. **Agulha-linha** juntas em travessia e em contiguidades e em lentidões e em transversalidades e em agenciamentos coletivos e políticos e comuns.

O que pode uma pesquisa com fios soltos?

Possibilidades entre modos com modos em modos múltiplos.

O que pode uma pesquisa?

O que pode uma pes?

O que pode uma?

O que pode?

O que?

O?

---

<sup>28</sup> “Uma das experiências que tenho feito, ao longo da minha vida de professor-educador, é a seguinte: pergunto ao auditório:

- O que faz um sapateiro? - Conserta ou faz sapatos – todos respondem com tranquilidade;

- E o Marceneiro? - Faz móveis;

- E o alfaiate? - Faz roupas;

- E o educador? A resposta que sempre vem: - Educa.

Nunca, e até hoje, alguém me respondeu: faz ou produz seres humanos, homens e mulheres concretos. Já tive, até que enfrentar resistências, quando insinuo que, segundo meu juízo, a resposta melhor, mais realista e mais lógica seria justamente essa última. Chaga-se mesmo a admitir que formar seres humanos, sim; produzi-los, não. Educação é produção social do humano.” (LARA, 2003, p. 20)

## **Formações: invenção de alocse e sala de aula e mundo<sup>29</sup>**

---

<sup>29</sup>Todos os textos dessa seção foram produzidos enquanto eu estive como estagiário em uma turma de Pedagogia, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. A disciplina que acompanhei pertence à grade curricular obrigatória e é denominada Fundamentos Teóricos Metodológicos em Educação Matemática 1. Habitar esse espaço compôs muito com a escrita dessa dissertação.

## Atravessamentos em docência

Formação: estratos. Pontos e linhas e lugares de sedimentação. Coisa de repouso. Parar sobre linhas que não param de se movimentar. Capturas e reconhecimentos de modos de agir. Coisa de repouso. Processos de constituição de identidades que servem a jogos de forças em manutenção de zonas territoriais reconhecíveis. Coisa de repouso.

Associar: verbo. Ação muito empregada aos reconhecimentos dos estratos. Com o estrato, uma ou várias imagens são criadas e associadas com a produção de um modo de ser já solicitado pelo estrato. *Professor deve saber ensinar bem. O melhor Professor é aquele que explica de uma vez só. O Professor deve sempre ter um sorriso no rosto e uma vontade de mudar as coisas. O Professor tem que estar sensível ao mundo ao redor do aluno para otimizar a aprendizagem. O Professor deve ensinar o aluno a aprender a aprender.* Coisa de repouso. A produção do estrato está conectada a questão do saber. Sabe-se de antemão aquilo que o professor deve ser. Alocse existe?

Formação docente. Território marcado por discursos e saberes e poderes. Estrato. Coisa de repouso. Uma pausa no fluxo das produções das linhas engendra territorialidade e permite dizer de docência. *Sabemos que os docentes têm um papel muito importante na sociedade. É deles que partem o incentivo, curiosidade e vontade de aprender dos alunos. O Professor tem que respeitar as escolhas dos pais sobre qual é a melhor educação para seus filhos. Aquele que estimula e ensina de forma imparcial o que sabe.*

São muitos os dizeres sobre Professor. Coisa de repouso. São muitos poderes sob os professores. Coisa de repouso. O Aparelho de Estado constrói estratos. Produz sedimentos e alinhava os fios a direções pretendidas. Invoca semelhança. *Professor é aquele que ensina. Professor é aquele que estimula. Professor é aquele que respeita. Professor é aquele que...coisa de repouso.*

Alocse: Laboratório para produzir professor estratificado. Com linhas e sedimentos engendra enunciado sobre modos docentes. Docente: produção da produção de laboratório para enunciar verdades. Alocse existe? Experimento existe? Alocse quer produzir Professor, Formar Docentes: A Formação docente. Alocse faz forma de colar



pessoa em forma Professor. Alocse é um laboratório? Coisa de repouso? Repouso em linhas que não param de se movimentar. Repouso, há?

Docência em formação: Garvasil torna-se professor todos os dias. Em movimentos contíguos aos territórios, linhas outras invadem os estratos. Desestratificando-os. Coisa de movimento. Alocse existe? E quando a formação (docente) se agarra ao que explode? Explodir: zona de intensidade que produz dessemelhança. Que passa? Que fica? Que resta? Com restos engendrar vida! Coisa de movimento. Garvasil professor, com aluno, quer diferença. Para aquém e além do estrato. No próprio estrato, torcer até se tornar outra coisa. *Quem é você, professor? Disparador de fluxos! Não me importo com você. Exploda!* Coisa de movimentos.

Explodir vidas em existência. Multiplicar sentidos. Vidas multiplicadas com restos. Em formações. Explodir Professor! Professor não professa nada. *Matemática é exata, professor!* Dinamite! professor. *Será?*

alocse engendra resistência com/no território resistindo às enunciações dando vazão a outros modos de docência. Alocse torce até não aguentar mais e torna-se outra. alocse. Vazar invariâncias na forma professor. Colocar pessoas em forma ação. *E quando pessoa ocupa forma como quer, pode? Pode! Como assim?* Coisa de movimento! *Na garrafa de café, que derrama sobre o copo, exala um cheiro que diz de outras coisas sobre Formação e Alocse e Docente. Tremeu! Mas o modelo de laboratório não é exato? Era para ser? Era? Para? Ser? Apenas ser! Alocse existe?* Máquina de fazer Professor é torcida. Fabricou com resíduos, professor! *Está com defeito? Não, é assim mesmo. Coisa de movimento. Talvez o problema seja esperar algo. Um problema de semelhança! Como viver sem esperar? Como fazer professor sem esperar que seja Professor? Forma sem antecipação e sem imagem e sem expectativa e e e...* alocse aberta ao que vem, desmancha Alocse que espera o que vem. Habitar formas, habitar docência em formação. Torcer forma, torcer formação docente. Inventar formas. Inventar formas em processos formativos.

O que se tem é acontecimento. *a c o n t e c i m e n t o s e m m u i t a s h a b i t a ç ã o e s e o c u p a ç ã o s c o m r e s t o s e b a n a l i d a d e s.*

A forma quebrou mesmo pensando ser estática.

*Garvasil docência formação!*

Vida!

Uma aula

Garvasil, à frente da sala, inicia mais uma aula em uma segunda-feira em alocse. Uma aula sempre tem lugar de afirmações e des-afirmações. Uma aula sempre tem lugar de semelhanças e dessemelhanças. Um lugar de jogo de forças. Um lugar de expectativas. O que se quer de uma aula? *Aprender mais coisas. Outros saberes que eu possa ensinar e que eu possa transmitir e que eu possa passar. Amo matemática! Amo o fato de ela ser exata. Não há trabalho algum em mexer com coisas exatas.*

Que aprender?

Que ensinar?

Que certezas?

Que incertezas?

*Qual é o oposto de 1?*

*Ora, o 3. Por quê?*

*Como assim?*

*Para, é -1.*

*Tá bem!*

*E se a referência for o 2?<sup>30</sup>*

---

<sup>30</sup> Inspirado em Azevedo (2017).

## Como seria um mundo sem matemática?

Formação produz trapo? Formação produz trapo?

Forma? Ação? Produz? Trapo?

Garvasil não tem pai nem mãe, como fica seu delírio? Garvasil delira.

Des-organizar! Organizar de novo o novo? des-organizar! Fora da organização, que formação é produzida? Formação produz trapo? Bedel? Produz? Trapo? Formação docente produz trapos? E se tirar o docente? Fica? Quem, o docente? Não. Fica! Habita aqui! Quem, o docente? Não. Forças e querereres! Docente, que isso? Formação, que isso? Formação docente produz trapos? E se tirar formação, que fica? Trapo: figura de hospital. Aquilo que precisa de cura! Ahhh já *neurotizaram* a formação, né? Virou formação docente! Coisa de fazer docente. Pode ser só coisa de fazer? Manda ele pra psicanálise logo, manda! Quem? Docência! Oh! Papai e mamãe agradecem! Eu quero é a terra... Alocse existe?

SALADEAULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAUL  
ATERITÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSAL  
ADEAULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATE  
RRITÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSALADE  
AULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATERIT  
ÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSALADEAUL  
AESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATERITÓRI  
OSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSALADEAULAES  
TADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATERITÓRIOSSA  
LADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTES

Garvasil pergunta ao grupo de alunas: Como seria um mundo sem matemática?

Olhos miram teto. Olhos miram papel. Dedos giram lápis em torno da mesa. Cabeças balançam e estômago embrulha. Sabe aquela coisa de arrancar o chão? Então! O que parecia sustentar, alisou! Alunas ao chão! Cadê a verdade para eu me segurar, cadê? Aff, não seria! Brota uma verdade no chão e alguém agarra. Não haveria nada! Do que esse cara está falando? Não sei. Meio maluco isso. Para que serve isso? Não vamos ensinar isso às crianças.

SALADEAULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAUL  
ATERITÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSAL

ADEAULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATERRITÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSALADEAULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATERRITÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSALADEAULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATERRITÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTESSALADEAULAESTADODECOISASSALADEAULAENUNCIADOSSALADEAULATERRITÓRIOSSALADEAULAMOVIMENTOSDESTERRITORIALIZANTES

Ele (mundo) foi construído de alguma forma. Na idade da pedra, tinha matemática? Tinha! Ela já estava lá? A pedra já, matemática já não sei! Olhos miram teto! Cadê a verdade que estava aqui? Como andar nesse lugar liso sem onde eu possa me apegar? A matemática estava lá! Estava? Caí de novo, que coisa! Sim! Ela estava lá! Ela foi inventada com a necessidade, veja o caso da roda! Inventaram roda e matemática. A matemática já estava lá? Caí de novo! Cadê a verdade que estava aqui? Parece que meu tênis gastou a sola. A matemática estava lá? Olhos miram o teto. Olhos miram papel. Dedos giram lápis em torno da mesa. Cabeça balança. Tudo nessa sala tem matemática: porta, cadeira, mesa e computador. As coisas torcidas têm matemática. A matemática já estava lá? Sim!

Quando coloco os óculos enxergo outras coisas. Hum! Matematizaram o mundo! Disseram que o mundo é matemática. Hum, contaminaram o olhar. A matemática já estava lá? Sim! A matemática é lógica! Um garoto quando está na escola, aprendendo matemática, a matemática não é tão lógica para ele! A coisa do número sabe?

Uma história

Dia de aula. Eduardo vai à escola para aprender a contar. Professora trabalha números com alunos todas as segundas. Eduardo se embola, não consegue seguir a sequência de 1 a 10. Professora tenta por inúmeras vezes fazer com que entenda a sequência. Tudo em vão!

- Vamos tentar de novo, conte comigo: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10.

Professora e Eduardo repetem juntos os números, quase um mantra. Vozes se cruzam e soam de forma quase uníssona.

- Agora é só você.

- 1, 2, 3, 7, 6, 8

Silêncio.

- Já se esqueceu? Quem vem depois? Olhe no caderno para se lembrar.

Eduardo olha, mas não diz nada!

- Ele nunca consegue o 9 e o 10. Quando chega é só no 8, tudo embolado.

Dia transcorre, sem muitas agitações, Eduardo ainda não sabe contar até 10. Chega a hora de ir para casa. Sai todo contente com sua mochila de rodinhas em forma de carrinho. Cantarola uma canção que aprendera outro dia. Gosta de estar entre músicas e escola. Nem liga se a professora acha que não aprende. Vai à escola assim mesmo. Não perde a mania de sorrir e cantar. Vai e volta da escola de carro. Toda vez que chega ao portão do prédio onde mora, faz a mesma coisa. Deixa a mochila para trás. Balança o portão até que o porteiro abra. Corre pelo prédio. Adentra o elevador. Saltita até apertar o número 9 que é o andar de sua casa. Segura a porta para mãe e sobem até o apartamento.

A matemática já estava lá? Foi inventada junto com a roda.

Formação em sala de aula. Des-organizar verdades. Des-organizar de novo, novo. Formação entre matemáticas e rodas e verdades e obviedades. Docência sustenta vida? Formação sustenta docência e muito mais. Torce e torce até não poder mais, daí torna outra coisa. O novo de novo! Porque insistir em ficar de pé se formação convida um deitar? Formação! Forma-ação!

Formação fia que Alocse havia ensinado.

Nove: Cheguei em casa!

Noutra aula: Vamos contar novamente? Conte comigo 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10. Agora é só você: 1 2 4 3 6 7 5 8 9...

## Dividir. Um verbo des-construindo formação

Dividir: verbo movimenta pensar.

Garvasil, no quadro, lança um desafio. *“Joana dará uma festa em sua casa. Conversando com um Cheff pergunta: quanto gasto de material para um jantar para trinta pessoas? De pronto o Cheff responde: em geral são 300 gramas de carne, 200 gramas de arroz, 100 gramas de tomate e 50 gramas de farofa...”*. Enquanto Garvasil dizia da questão, Júlio conversava. Ao ouvir a quantidade narrada aterrissou no desafio e quis jogar. *“Iiii Fessô! Lá em casa não tem dessas coisas aí, não! Sabe o que minha mãe faz quando tem muita gente pra comer?”* Com ênfase, boca se movimenta e dispara: *“minha mãe faz um panelão de arroz, assim oh!”* Braços abertos e mão se encontrando formando um círculo grande *“e outro panelão de estrogonofe”* braços dilatados num extremo *“e todo mundo come até”...<sup>31</sup>*

Garvasil sorri! Com sorriso, uma constatação. Júlio sabe mais de matemática que...

Quanto cabe de inesperado em formação? Habitar espaços. Quanto de imprevisível cabe em formação? Habitar espaços. Quanto de invenção cabe em formação? Habitar espaços. Quanto de vida em habitar espaço? Coisas de formação.

Em aulas de formação (docente) Garvasil experimenta vida em atravessamentos com matemática. Modos docentes inventados rasuram outras formas docentes que trituram identidades. Ao olhar espelho que se vê? Docência em atravessamentos. Coisa de formação.

Dividir: repartir algo. Ué, verbo dentro de verbo? Máquina acoplada à outra engendra outras máquinas. Em iguais? NÃO É PARA ISSO QUE SERVE A DIVISÃO? Verbo dividir maquinando pensar. Quando se divide, que quer? Iguais? Distintos? IGUAL É MAIS JUSTO. UÉ, NÃO!?

---

<sup>31</sup>Essa narrativa inicial foi inspirada numa fala que ocorreu em uma disciplina na qual atuei enquanto estagiário docente pelo Programa de Pós-graduação em Educação através do Estágio docência. Enquanto integrante dessa disciplina, habitei uma sala de aula de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora. A temática da aula era Divisão e, uma das participantes, que por ocasião realizava estágio em uma escola pública de Educação Básica, narrou esse acontecimento da sala que frequentava.

No quadro, um problema movimenta uma aula. Coisas de formação. *Garvasilalunasalunossaladeauladematemática*. Tudo junto em movimentos. Formação! Modos de pensar instituídos sendo enfrentados. Coisa de força. Jogo entre o que pode e o que quer. Quereres em formação engendra possíveis.

“47 jovens vão a uma excursão. Reservaram 6 quartos para alojá-los. Quantos dormirão em cada quarto?”

*Nosso grupo dividiu 47 por 6. Aí pegamos o 7 e multiplicamos por 6 que dá 42. Subtraímos 47 menos 42 e dá 5 de resto. Fica então 7 grupos de 6, aí pega o 5 que resta e distribui para esses grupos, vão ficar cinco grupos de 8 e um grupo de 7. Assim fica tudo resolvido. Fica? Ficar...*

Ficar. Outro verbo que se acopla ao dividir? Ficar com aula fazendo questão! Ficar com dividir que engendra formação. Molaridades enganam. Estratos enganam. Ficar: experimentar um acontecimento.

*E se um grupo de 10 amigos quiser ficar juntos? E se um casal quiser ficar junto? Ué, matemática não é exata? Dividir é repartir em partes iguais?*

Verbo dividir inventando outros possíveis em formação. Dividir e repartir e ficar... uma paisagem se re-faz!

*Mas pensando assim, não é justo. Além do mais, fica mais caro!*

Dizeres tentam se impor. Coisa de força. Uma forma de conceber o verbo dividir não dá conta dos possíveis que surgem no acontecer.

*Quero ficar com os meus colegas. A matemática diz sempre o que é! Também queremos dizer.*

Outras matemáticas se fazendo em sala de aula. Dividir inventando outras salas de aula.

O que pode uma aula? alocse abrigando outras aulas. Multiplicidades em aulas explodem alocse torcendo-a em muitas. Explosões em modos docentes e discentes e currículo. Coisas de formação. Garvasil fazendo docência e discência em alocse. Coisa de ficar.

## Formação com números

Outra aula<sup>32</sup> em Alocse. Muitas carteiras vazias denunciam uma noite fria. Dia de falar com matemática. Formação docente em sala de aula de matemática. Convite. Sistema de numeração. No quadro branco da sala de aula, um registro acompanhado de uma pergunta.

III----- Que número é esse que está representado no quadro?

IV-----

Olhos atentos aos dizeres ensaiam linguagens. Mãos se movimentam com lápis sobre a carteira. *Isso que é aquela coisa do algarismo Romano, não é? Sim, eu me lembro disso.* Uma boca se movimenta e junto a língua sai uma palavra. *Isso é o número 3 representado em algarismos Romanos. Viu?! Eu disse que era. Aaahhh então porque você não falou? Fiquei com vergonha de falar errado. E esses outros dois que estão agora?*

IX-----

XX -----

---

<sup>32</sup> Referência às aulas do Curso de Pedagogia em que atuei enquanto estagiário-docente.



Bocas mais atiradas dispararam os valores em questão. *Um é 9 e o outro é 20.* Algumas regularidades se fazem perceber. Símbolos dizem de quantidades. Símbolos organizados e agrupados dizendo de modos inventados a partir de necessidades. *Para que servem os números? Para infernizar a vida da gente. Odeio matemática! Números são representações de quantidades.* Representação: sistema de pensamento que opera com semelhança ou associação. *Os números devem ter surgido da necessidade de contar não é, professor? Não sei!* Garvasil nunca sabe de nada.

Números são coisas que dizem de quantidade. *Nossa, ter chegado ao nosso sistema atual deve ter sido muito louco. Olha só que loucura esses símbolos. Ele misturam soma com subtração dependendo de onde eles estiverem.* Máquinas numéricas maquinando números. Máquinas sendo meticulosamente despidas. Máquinas numéricas dizendo de formação. O que se quer quando se estuda números? Que formação? Quando se diz odiar matemática, que formação? Aula de formação docente com matemática e números. Convite: esmiuçar uma máquina. Que máquina? Maquinar formação com números. Aula.

Com números romanos uma aula se faz. Fazendo aula com símbolos numéricos, formação se engendra. *Eles misturam soma com subtração dependendo de onde eles estiverem.* Formação em funcionamento. Engendra saber com máquina de números.

III

XXXX

No quadro, mais números. Bocas disparam “*Não pode, dessa maneira está errado*” “*assim não pode ser*”. Reconhecimentos sobre modos de operar com números emergem e fazem vibrar e reverberar saberes. “Segundo as regras do algarismo romano,

não se pode repetir o símbolo mais de três vezes” “Quem disse?” “Isso é uma convenção, todo o sistema numérico é uma convenção”.

Com máquina de números uma formação se engendra. Quanto uma máquina de números suporta de resistência? Quanto uma Formação docente suporta de resistência?

“Mas e se o aluno fizer assim na prova, colocar XXXX, você daria certo ou errado? E se o pai te cobrar, dizendo que você está ensinando ao filho dele errado?”

Quanto de invenção uma formação abriga? Quando um pensamento externo faz força para um modo de pensamento ser mantido? Quanto de resistência uma formação suporta?

“Não é questão de aceitar tudo ou ensinar errado, é questão de fazer o aluno pensar. Pensar que isso que ele está fazendo foi inventado, que tudo o que fazemos é inventado”.

Pensar uma aula como matéria movente suscita investigar as linhas que compõem o campo de força que a constitui. O que pode uma aula? O que pode um professor?

Mergulhar no emaranhado das forças solicita um corpo e um modo de estar com essa aula que não caia nas amarras da representação e dá margens ao inventivo. Um estar aberto aos fluxos que engendram aula e engendram formação. aula-formação-professor-aluno. Tudo junto! Muitas forças compõem uma aula. Elas querem se impor! Uma aula é sempre um jogo de forças. Uma aula sempre tem um mistério.

O que pode uma aula?

## Formação docente: um roubo

### Kafkear formação...

*“É bom quando nossa consciência sofre grandes ferimentos, pois isso a torna mais sensível a cada estímulo. Penso que devemos ler apenas livros que nos ferem, que nos afligem. Se o livro que estamos lendo não nos desperta, como um soco no crânio, por que perder tempo lendo-o? Para que ele nos torne felizes, como você diz? Oh Deus, nós seríamos felizes do mesmo modo se esses livros não existissem. Livros que nos fazem felizes, poderíamos escrever nós mesmos num piscar de olhos. Precisamos de livros que nos atinjam como a mais dolorosa desventura, que nos assolem profundamente – como a morte de alguém que amávamos mais do que a nós mesmos –, que nos façam sentir que fomos banidos para o ermo, para longe de qualquer presença humana – como um suicídio. Um livro deve ser um machado para o mar congelado que há dentro de nós”.*<sup>33</sup>

Quanto de ferimentos em formação um corpo suporta? Por uma formação (docente) que nos tire o sossego. Por uma formação (docente) que nos desconstrua. Por uma formação (docente) que destrua rostos.

Por uma formação-machado. Uma ferramenta que se inventa ao produzir vida. Uma ferramenta que descola a imagem do pensamento e engendre desfigurações nos estratos produzidos com restos. Quanto de machado em formação? Quanto de ferimento Aloce suporta? *Eu gostei muito dessa disciplina porque ela me fez pensar por mim mesma. Desde minha infância, eu odeio matemática, continuo não gostando, mas com essa disciplina consegui pensar por mim mesma. Saí daquela zona de conforto e daquela coisa de o professor dizer que é assim que se faz para pensar uma matemática, que me deixe pensar com ela. Antes era só a matemática que me dizia as coisas, hoje eu sinto que posso conversar com ela.*

Por movimentos formativos que destruam identidades e finalidades. Uma formação em dessemelhanças. Uma formação que abrigue devires. Por uma formação que nos assole. *Eu não entendi muito bem o propósito dessa disciplina. Achei meio estranha. Mas gostei de ser protagonista do meu saber. Essa coisa toda de pensar os*

---

<sup>33</sup> KAFKA (2018).

*números e seu funcionamento, pensar como cada sistema foi se enquadrando, me mostrou coisas que não pensei ser capaz de pensar. Tirou da zona de conforto.*

Por uma formação que convide a possíveis. Que exploda saberes prévios e antecipados. Por exercícios formativos que desvendem funcionamentos de máquinas. Que desterritorialize em movimentos impensados. *Eu percebi fazendo essa disciplina que a matemática é metamorfoseada sempre. A matemática vai sempre se transformando, sempre se inventando. Ela sempre vira outra coisa quando a gente começa a inventar coisas.*

Formação engendrando pensar no pensamento. Um fora convida um dentro e um dentro abriga um fora em movimentos que convidam e reviram pensar. Tira o pensamento de um lugar reconhecível, indo em direção a algo que não se antecipa. Torcer.

Torcer: engendrar movimentos que fogem a capturas.

*O artesão é aquele que olha para uma caçamba cheia de lixo, e, onde as pessoas só enxergam entulhos e lixo, o artesão enxerga arte. Talvez aqui seja legal pensar a função do professor enquanto artesão, pois o professor é aquele que pode enxergar para além do que se vê.*

Quanto de entulhos uma formação suporta? Quanto de quebras em imagens de saberes constituídos uma formação aguenta? Quanto de desventura uma formação sustenta?

*O professor é aquele que trabalha com gente. E mesmo que você veja a pessoa todo dia, não dá pra falar que ela é a mesma. Não dá pra falar que nós somos os mesmos. Professor é uma coisa doida, né?!*

Formação torcendo pensar em educação. Pensar em educação engendrando formas outras de estar em educação. Professor tornando-se outra coisa. Professor engendrando outros tantos possíveis.

*A gente divide muito as coisas. Fica tudo polarizado. Educar não é ensinar o pequeno ou o adulto a saber as coisas somente. Para isso, ele não precisa de escola. Isso é outra coisa. Professor educa e educar é problematizar as coisas. É fazer como fizemos com os sistemas numéricos, fomos fuçando e fuçando até ficar cansado e ver como é que funcionava.*

Professor, figura reconhecível se desfazendo...

Torcer professor até se tornar outra coisa.

Quanto de tormenta suporta um corpo?

Quanto de abalos suporta um corpo?

Quanto de professor suporta um corpo?

## **Professor: um estrangeiro de si**

**EU FORMO PROFESSORES MESMO! NÃO ME VENHA DIZER QUE EU NÃO SEI O QUE ESTOU FAZENDO!**

"Escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas [...] a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa [...] o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem [...], como diz Proust, ela traça aí precisamente uma espécie de língua estrangeira, que não é uma outra língua, nem um dialeto regional redescoberto, mas um devir-outro da língua...uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante. Kafka faz o campeão de natação dizer: falo a mesma língua que você e, no entanto, não compreendo sequer uma palavra do que você diz. [...] Para escrever, talvez seja preciso que a língua materna seja odiosa, mas de tal maneira que uma criação sintática nela trace uma espécie de língua estrangeira e que a linguagem inteira revele seu fora, para além de toda sintaxe."<sup>34</sup>

### **Bricolagens**

Ser professor não é contar suas próprias lembranças, suas viagens seus amores e lutos, sonhos e fantasmas... A formação docente só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa... O professor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o professor... Como diz Proust, ele traça aí, precisamente, uma espécie de professor estrangeiro, que não é um outro professor, nem outro modo professor regional redescoberto, mas um devir-outro do professor... uma feitiçaria que foge ao sistema dominante. Kafka faz o campeão de dar aulas dizer: dou a mesma aula que você e, no entanto, não compreendo sequer uma coisa da aula que você dá... Para ser professor, talvez seja preciso que a formação docente inicial seja odiosa, de tal maneira que uma criação sintática nela trace uma espécie de formação estrangeira e que o professor revele seu fora para além de toda sintaxe...

**FORMAR PROFESSOR É ISSO MESMO! VOCÊ TEM QUE MOSTRAR TUDO O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE O PROFESSOR NÃO INCORRA EM ERROS!**

---

<sup>34</sup> DELEUZE (1977)

A história não é nenhuma procissão posta em uma trajetória de evolução, progresso e aperfeiçoamento. Toda continuidade é apenas o efeito de uma interpretação após o fato. O que temos em vez disso são falhas, quebras, hesitações, movimentos inesperados, arranques e paradas abruptas.<sup>35</sup> Desconfiar de movimentos que se pretendem formativos, que buscam teleologia. Formação, enquanto processo, abriga devires e não deveres. Deveres quando abrigados são torcidos e transformados em outros.

Pensar formação enquanto processo diz de abrigar desconhecidos. Abrigar furos e descontinuidades em movimentos múltiplos. Coisa de alisamento.

SE TIRAREM DE NÓS A AUTORIDADE, COMO NÓS FORMADORES DAREMOS CONTA DE DIZER O QUE DEVE E O QUE NÃO DEVE SER FEITO? QUEM ENTRA PARA UM CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DEVE SABER QUE EXISTE UMA HIERARQUIA A SER SEGUIDA.

Engendrar estranheiridades em formação. Estranheirar professor. Luta contra processos de reconhecimento e de sapiência em docência. Por um professor estrangeiro de si mesmo. Por uma docência que se perca em muitos. *Educar é problematizar...*<sup>36</sup> Tornar professor problema diz de expor suas certezas e verdades. Diz de estremecer suas consolidações em buscas de outros modos de ser professor. Professorar professor. verbo movimentando substantivo em vias de ser...

Tornar professor, professorar...

**“EU ME SINTO UM ESTRANGEIRO.**

**PASSAGEIRO DE ALGUM TREM.**

**QUE NÃO PASSA POR AQUI**

**QUE NÃO PASSA DE ILUSÃO”<sup>37</sup>**

Guessingear formação.

---

<sup>35</sup>Corazza (2003) aponta alguns movimentos que potencializam a discussão junto a esse trabalho no que diz respeito à diferença.

<sup>36</sup> Fala de uma aluna em sala de aula do campo de pesquisa.

<sup>37</sup>GESSINGER (1987)

## Saladeaulapaisagemmovente

Na caixa do correio eletrônico um convite: trazer objetos que engendrem afetos com sala de aula. Sexta pela manhã<sup>38</sup>. Dia de aula. Sobre uma mesa tem quadro, borracha, copo de plástico, boquilha de trompete, livro sobre inclusão, livro de história, caderno pautado, relógio e vozes, muitas vozes.

Um apagar. Borracha sobre quadro faz imagem torcer. Sala de aula: matéria movente. Sobre uma mesa, um marcador de tempo explode tempo em temporalidades múltiplas com borracha. *Essa borracha tem 25 anos...* Sala de aula matéria movente. Borracha de 25 anos desfila sobre o quadro e deixa pedaços de si no quadro e pedaços do quadro em si. Ninguém escapa ileso de uma relação! Um quadro apagado inventa outros modos de ser quadro e inventa outros modos de sala de aula.

O que pode uma sala de aula? Flor verde de caule rosa<sup>39</sup>! *Ahn?! Não seria o contrário?* Quem disse? *Está na Bíblia...* Instituições invadem uma sala de aula. Instituições buscam modos de operar que determinam uma forma esperada. O resultado, o identificado, o semelhante, a teleologia. Uma sala de aula abriga multidões... Uma professora na frente da sala faz o sinal da cruz e agradece ao “Pai” pela oportunidade do trabalho. *Abençoe nossas crianças...* Num outro canto da sala, uma boca grita “*Sai daqui, capeta*” a professora mal podia imaginar que era pra ela. *Calem a boca e vão todos se sentar que nossa aula já vai começar.* Por falar em barulho, um governo não deixa uma sala de aula dormir. Barulho, mais barulho, senão sufocamos.

Sala de aula matéria movente. O que pode uma aula? Mão aperta um copo que grita. Crekcrekcrekcrek. Silêncios... Um vagabundo disse: toda solidão é povoada. Sala de aula paisagem em construção. Um trompete anuncia: Vamos parar! O que move um parar? Palavras param. Tem que surgir palavra? O que são palavras? Paisagens... Tentam parar o copo e ele nunca para. Essa estranha mania de resistir...

---

<sup>38</sup>Texto produzido junto a uma disciplina do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Essa disciplina é oferecida a discentes do programa e tem por escopo estudar questões referentes à educação sob a égide da filosofia da diferença. O tema da disciplina era a sala de aula e seu submundo. O que pode uma sala de aula. Neste dia, fomos convidados e levar objetos que nos remetiam a sala de aula. E, com tudo isso, deu-se a produção desse texto.

<sup>39</sup> Inspirado no conto O menino e a rosa de Helen Buckley (2010).



Apagam o quadro. Se faz outro? Não resistiu, se diferenciou! Forças, meu caro, questão de jogo forças...

O que pode uma aula? Lábios tremem com trompete e des-afinam sala de aula. Que fazem de ti, oh, sala de aula?

Paisagens em movimento. Um bilhete passa por debaixo da carteira...

**Que *movências* em sala de aula movem sala de aula?**

**A não sala de aula, a não aula, o não estar em aula se move para o mundo.**

**Sustentar. Será que se destina? A? Será? Destina movências será que... movências?**

**Não sei, não quero saber! Experimente!**

**Experimentação e subjetivação e ser afetada e atravessada.**

**PERDIDA**

**SILÊNCIO**

**MOVIMENTO**

**Você sorriu hoje?**

**Vivências mínimas na beira do abismo. O sorriso do dia!**

*Tem muito barulho nessa sala de aula, não entendo nada! Que bom! Me explica? Experimente... Um avião atravessa uma sala de aula...*

*Saladeaulapaisagemmovente. De quem é o avião? Uma bola de papel alveja uma cabeça? Quem foi? Sala de aula: a que será que se destina? Matéria movente-paisagem-sala-de-aula... Movências...*

Sala de aula hegemônica. Carteira-lápis-borracha-armário-professora-professor-aluna-aluno-barulho-grito-certezas-dúvidas.

*Saladeaulapaisagemmovente.* Carteira-lápis-borracha-armário-professora-professor-aluna-aluno-barulho-grito-certezas-dúvidas.

Em tudo isso se assemelha e em tudo isso se diferencia<sup>40</sup>.

*Saladeaulapaisagemmovente* opera com verbos em produção de subjetividade. Habitar e estar e sangrar e e e...

Sala de aula: a que será que destina?

---

<sup>40</sup> Oliveira (2016) em seu texto “Palavras inexatas pra dizer de coisas exatas? Que palavras são essas?” produz sentidos outros a palavras e extrapola seus significados evidenciando os movimentos múltiplos que a palavra abriga.

## Minhocar formação docente

Sala de aula: cubo<sup>41</sup>.

Emancipar, livrar, libertar. Emancipar? Livrar? Libertar? Emancipar e livrar e libertar e outras coisas mais.

**“SE EU SOUBESSE ANTES O QUE SEI AGORA ERRARIA TUDO  
EXATAMENTE IGUAL”**

*Guessingear formação.*

*Que terra é essa? Terra preta com cheiro de café. Café ou terra? terra-café? terracafé. Eu queria saber que terra é essa! Existe saber prévio para se saber o que é terra? O que é terra? Olhe no dicionário. Já olhou no google? Saber sobre terra é saber o que dizem sobre terra? Convencionaram saber sobre a terra. Saber é saber o que se convencionaram sobre a terra?*

Terra: marrom, roxa, preta, seca, úmida. Serve pra plantar e pra colher. Serve também para assentar casa e fazer tijolo. Serve para andar, rolar, brincar, sujar. Serve pra deixar árvore crescer. Serve para apoiar pés... mãos.... cabeças...

Que mais se quer da terra?

minhoca sabe mais sobre terra do que homem.

Que acontece sem interpretar?

minhocar. Talvez falte ao Homem minhocar. Arrastar, terra. terra e minhoca se confundem.

O Homem diz.

minhoca, terra!

O Homem raciocina.

minhoca respira, terra!

O Homem pensa.

minhoca rasteja, terra!

---

<sup>41</sup> Gilles Deleuze. (1989, p. 80).

O Homem diz sobre a terra.

minhoca, terra! Se soubesse antes o que sei agora seria...

O dicionário da minhoca é a terra. Minhoca fotografa terra com o corpo. Rasteja!  
Nada pensa nada interpreta...

Homem diz...

*Se eu tivesse feito licenciatura, seria uma professora melhor.*

*Se eu tivesse aprendido assim, desse jeito fácil... Sabe quando o professor explica e se entende tudo? Então...*

minhoca, terra.

**“SE EU SOUBESSE ANTES O QUE SEI AGORA ERRARIA TUDO EXATAMENTE IGUAL”** *Guessingear formação.*

minhocar sala de aula. Vibrar noutra frequência. Rastejar. Inventar. Respirar, terra!

*Apesar de dar aula de muita coisa, não sou professor de nada!*<sup>42</sup>

*Às vezes, levo um planejamento e eles me derrubam. Me reinvento. Alunos me arrastam.*

O que se quer saber?

minhoca, terra!

O que se quer com aula?

minhoca, terra!

Professor quer aula?

minhoca, terra!

Escola quer aula?

minhoca, terra!

Professor quer ordem e progresso.

---

<sup>42</sup> Fala de uma das participantes da pesquisa.

minhoca, terra!

Professor quer aula ordem.

minhoca, terra!

Professor quer aula progresso.

minhoca, terra!

minhoca treme terra.

*Aulaminhocaterra(des)ordem.*

## Saladeaulaestilete

Num livro desses que se escreve, pretendendo-se ensinar alguma coisa, encontra-se a seguinte sentença!

**Se você plantar uma orquídea amarela vai nascer uma orquídea amarela.**

Pega a terra... Pendure a orquídea e deixe no sol. Beba bastante água. Devagar vai nascendo uma linda e vigorosa orquídea roxa.

Espanto!

Levanto às 5 da manhã para regar a orquídea. Quanta ironia! Já se encontra molhada. Deixo cair um pote de excrementos na cozinha. Tenho que ir para a escola, militar. Limpo sem muito compromisso e jogo os despojos no canteiro de obras da escola militar.

Professor de biologia tem um estilete no bolso da calça com símbolo da escola.

No quadro, diz que sairemos mais cedo. Caos. Lembro que a cozinha está suja de excremento, que agora está no canteiro de obras da escola e que se queria na orquídea.

Bolso cortante com mãos de excremento despoja sua ira no muro pintado de vermelho.

As 5 da manhã, já estou de pé para ler sobre orquídeas amarelas e roxas no livro da avó. E logo depois, está no estilete, que corta a luz da orquídea e cai o pote de excremento na sala e deixa irritada uma zeladora.

Merenda que se come com os olhos e com o nariz. *Ele não come na escola. A mãe dele sabe disso? Que mãe?*

Outra criança está mexendo nas plantas ao invés de merendar. Passa mais tempo mexendo na planta do que no caderno. Caderno sujo irrita professor da escola militar.

Um café era bebido e, às 5 da manhã, já está lendo sobre escola e, logo depois, cai o estilete na sala e suja a escola e corta o tempo de dar aula.

Sino toca. Correria!

Orquídea amarela roxeou. Estilete continua cortando e, às 5 da manhã, acordado, descobro que tenho sono.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernanda Oliveira. *Matemática quaresmar formação*. 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2016.
- BARROS, Manuel. No descomeço era o verbo. In: *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1993.
- BUCKLEY, Helen. E. O menino. *School Arts Magazine*. Out, 1961.
- CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. Como seria um mundo sem matemática? Hein? Na tensão narrativa-verdade. In: *Bolema*, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 974-989, ago. 2014.
- CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento. Pesquisa: inventar mundos com educação matemática. In: *Perspectivas em educação matemática. Revista do programa de pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul*. Mato Grosso do Sul. v. 8. 2015.
- CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. Manifesto por um pensamento da diferença em educação. In: *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 9-17.
- ASSIS, Machado de. *Um apólogo*. Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/tag/um-apologo/htm> Acesso em 20 ago. 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a Vida. In: *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. Gaguejou. In: *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. O mistério de Ariadne segundo Nietzsche. In: *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*. Rio de Janeiro: Editora 34, v. 1, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, v. 5. 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI. *Mil platôs*, São Paulo: Editora 34, v. 3, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. In: *Aula Inaugural no Collège de France*. Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Leituras Filosóficas. São Paulo: Loyola 11a, 2004.



GESSINGER, Humberto. A revolta dos Dândis. In: Engenheiros do Hawaii. *A revolta dos Dândis*. Rio Grande do Sul. 1987. 1 CD. Faixa 1.

HOLANDA, Chico Buarque. *Os meus amigos são um barato*. EMI. 1977. Faixa 5.

KAFKA, Franz. *Um livro deve ser*. Disponível em: <http://letrafilosofia.com.br/um-livro-deve-ser-kafka/>. Acesso em 22 abr. 2018.

KASTRUP, Virgínia. O lado de dentro da experiência: atenção a si e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida. In: CLARETO, M. S.; ROTONDO, M. A. S.; VEIGA, A. L. V. S da. (Org.). *Entre composições: formação, corpo e educação*. Juiz de Fora: UFJF, 2011.

KASTRUP, Virgínia. O Devir-Criança e a Cognição Contemporânea. In: *Psicologia: reflexão e crítica*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2000. p.373-382.

LARA, Tiago Adão. *A escola que não tive... O professor que não fui...: temas de filosofia e educação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MANGUEIRA, Maurício; BONFIM Maurício. Imagens do pensamento em Gilles Deleuze: representação e criação. In: *Revista de Psicologia*, v. 23, n. 2, Mai/ago 2011. p.291-394.

MONTEIRO, André. Metodologia do devir. In: Juiz de Foras. Revista Eletrônica CES do programa de mestrado. Disponível em: <http://revistafamigerado.com/sete/amonteiro.htm>. Acesso em 12 mai 2017.

MEIRELES, Claudia. *Rua: uma educação em possíveis*. 2019. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2016. (no prelo)

PARNET, Clare. O abecedário de Gilles Deleuze. In: *Escola Nômade*, São Paulo, 1988. Disponível em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf>. Acesso em 8 ago 2018.

SILVA, João Marcio Palheta da. Considerações sobre o debate de tempo e espaço. In: *Revista Ciência e conhecimento*. São Paulo, 2001. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:xQfG4\\_VbpfoJ:revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/619/634+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:xQfG4_VbpfoJ:revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/download/619/634+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em 20 abr 2018.

VELOSO, Caetano. Barra 69. EMI, 1979. Faixa 5.

## Outras terras

CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson. Foucault, Deleuze e Educação. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson. (Org) Foucault, Deleuze e Educação. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.

DELEUZE, Gilles. A ilha deserta: textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Ed. Iluminuras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LARROSA, Jorge. *Tremores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra*. São Paulo: Lafonte, 2012.

RIBETTO, Analice. *Políticas, poéticas e práticas pedagógicas*. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.